

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário
ISSN 0870-1865
27 de Agosto de 1992
Preço: 120\$00
(IVA incluído)
N.º 975
Director:
Carlos Brito

Vamos pagar ainda mais pelos remédios

Já só faltam oito dias para a festa!

O DISCURSO
DE
CAVACO

Nota
da Comissão
Política Pág. 3
Editorial
Talhe de Foice

Nota da
Comissão
Política Pág. 3

AMORA-SEIXAL • 4, 5 e 6 SETEMBRO
Suplemento

No tempo em que os detergentes falavam...

— artigo de Francisco Costa

Págs. 8-9



HUNGRIA Breve viagem pela História

— artigo de Miguel Urbano Rodrigues

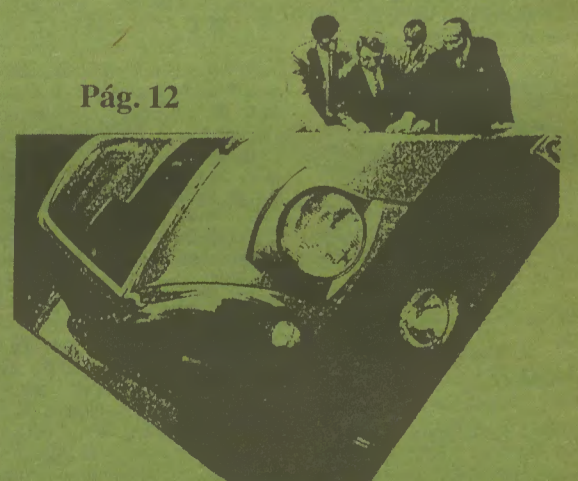
Págs. 10-11

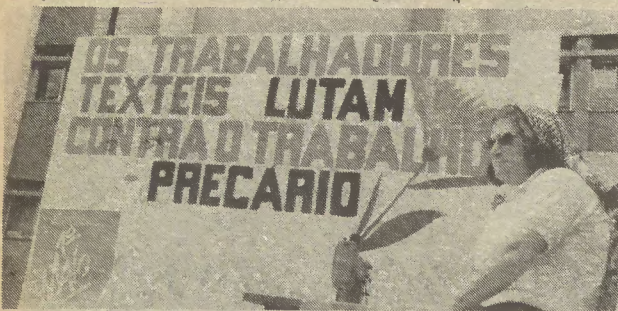


A «Ford» inglesa a 3 dias

— artigo de Manoel Lencastre

Pág. 12





31 mil trabalhadores da indústria têxtil no Vale do Ave sob a ameaça do desemprego

RESUMO

19 Quarta-feira

De passagem em direcção à Alemanha, chega a Lisboa um cargueiro transportando cerca de 300 refugiados bósnios ■ Em documento enviado à Presidência da República, o Governo contesta os comentários feitos por aquele órgão de soberania a propósito da extinção do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC) ■ É tomada pública a prisão do gerente de uma dependência bancária do Crédito Predial Português da região do Porto por suspeita do desvio de cerca de 200 mil contos ■ Numa tentativa de limitar a tensão social, o presidente russo Boris Ieltsin anuncia a distribuição de um cheque de dez mil rublos a cada cidadão para aplicar nas privatizações; Alexandre Rutskoi, vice-presidente daquele país, reclama por sua vez a instauração «imediate do estado de emergência económica» ■ Sete minas polacas de carvão entram em greve contra a política social do governo ■ Duas fábricas da Ford na Grã-Bretanha anunciam o abrandamento do seu ritmo de produção.

20 Quinta-feira

Guardas florestais cumprem greve de 24 horas por aumentos salariais e por melhores condições de trabalho ■ Alegando que não foi cumprido o protocolo celebrado entre o Sporting e a Direcção-Geral dos Espectáculos, a Secretaria de Estado de Cultura interdita de novo a bancada central do Estádio José Alvalade; Sousa Cintra, presidente do Clube, considera a decisão «ridícula» e «inaaceitável» ■ Ashjorn Eide, perito da Subcomissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas, afirma em Genebra que a «situação dos direitos humanos em Timor-Leste é das mais graves do mundo» ■ Prosseguem na cidade texana de Houston, palco da XXXV Convenção Republicana, os protestos e manifestações de movimentos e organizações em defesa do direito à interrupção de gravidez e em defesa dos cidadãos portadores de SIDA ■ Os países árabes que participam no processo de paz para o Médio Oriente decidem enviar as suas delegações às negociações agendadas para Washington.

21 Sexta-feira

O Sindicato dos Médicos do Norte manifesta o seu descontentamento contra o mapa de vagas para o internato complementar em 1993 ■ Os guardas-florestais anunciam a sua decisão de apresentar queixa do Governo à Comissão Florestal Permanente da Comunidade Europeia ■ O Instituto Nacional de Estatística revela que a balança comercial portuguesa registou um défice de 750 milhões de contos nos primeiros seis meses do ano corrente ■ A intervenção dos bancos centrais de 18 países não impede que o dólar atinja o seu mínimo histórico, com valores nunca vistos desde a Segunda Guerra Mundial ■ O Iraque pede ao Secretário-Geral das Nações Unidas que impeça a criação de uma zona de exclusão aérea no sul do seu território.

22 Sábado

Cavaco Silva, falando na tradicional festa de Verão do PSD, anuncia para 1993 um ano de grande contenção ■ Manuel Monteiro, líder do CDS, acusa

Cavaco Silva de perder autoridade ■ O Tribunal de Ponta Delgada recusa a lista do Partido Democrático do Atlântico apresentada pelo círculo da emigração para as eleições regionais ■ O Metropolitano sérvio afirma em entrevista ao Diário de Notícias que a Igreja Ortodoxa do seu país não aceita as declarações do Papa João Paulo II quanto a uma eventual intervenção na Jugoslávia ■ O primeiro-ministro da nova Jugoslávia, Milan Panic, pede apoio à Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE) para negociar com os representantes dos albaneses de Kosovo.

23 Domingo

Um estudo da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Vestuário e Calçado alerta para a ameaça de desemprego que paira sobre 31 mil trabalhadores do sector na região do Vale do Ave ■ O Jornal de Angola anuncia o rapto pela FLEC/FAC de mais um português em Cabinda n Bombardeamentos da aviação do Azerbaijão sobre Nagorno-Karabakh provocam 30 mortos e mais de 200 feridos ■ O Governo israelita anuncia que vai anular a deportação de palestinianos dos territórios ocupados da Cisjordânia e Faixa de Gaza.

24 Segunda-feira

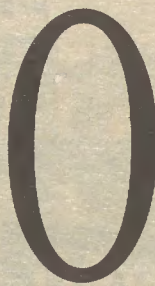
Em conferência de imprensa, o PS denuncia o «caos do Governo» numa economia que considera «à beira da crise» ■ O relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito vincula oficialmente o Presidente do Brasil, Collor de Melo, ao empresário P.C. Farias, acusado de prática de corrupção e tráfico de influências ■ Dois homens assaltam uma dependência do Montepio Geral em Algés, levando consigo cerca de mil contos ■ Os peritos do Comité Militar da NATO entregam ao secretário-geral da organização um relatório sobre as modalidades de uma eventual intervenção militar na Bósnia-Herzegovina ■ Analistas consideram que o dólar entrou em queda livre, depois de mais uma operação de «salvação» desencadeada por 15 bancos centrais, incluindo o português ■ O furacão «Andrew», com ventos superiores a 250 quilómetros, atinge a região de Miami, no extremo sudeste da Flórida, nos EUA, deixando atrás de si um rasto de destruição.

23 Terça-feira

Pela primeira vez em França, o «não» a Maastricht passa à frente do «sim», com 51 por cento contra 49, numa sondagem realizada pela revista Paris-Macht e pelos canais de televisão Antenne 2 e FR 3 ■ O PCP desafia Cavaco Silva para fazer um intervalo de monólogos e ir à televisão debater a situação nacional com a oposição ■ O primeiro-ministro decide manter a interdição da tribuna central do estádio de Alvalade, caso o Laboratório Nacional de Engenharia Civil assim o entenda ■ O presidente angolano Eduardo dos Santos apela à comunidade internacional, e sobretudo aos observadores do processo de paz, para que ajudem o seu povo na busca de formas de entendimento e de diálogo ■ O primeiro-ministro israelita admite a possibilidade de uma retirada parcial dos montes Golã ■ Milhares de brasileiros exigem a partida de Collor de Melo, no decorrer de gigantescas manifestações em várias cidades do país.

EDITORIAL

O discurso



discurso que Cavaco Silva profere na festa algarvia do PSD, no passado sábado, confirmou as piores previsões sobre os próximos desenvolvimentos da política governamental.

O PCP, conhecendo o papel que o «discurso do Pontal» (este ano debitado no Largo da Feira, em Faro) desempenha na liturgia cavaquista, tinha lançado um repto antecipado ao Primeiro-Ministro, na Conferência de Imprensa da Comissão Política, de 18 de Agosto: «Um repto para que (entre outros objectivos enunciados), ao menos por uma vez, desça do Portugal de ficção que inventou para protecção e impunidade da sua política, para as duras realidades e os prementes problemas nacionais que atestam o fracasso da sua política, as responsabilidades do seu Governo, o incumprimento das suas promessas, a falsidade da sua propaganda.»

Quem se mostrou particularmente ciumento com o repto do PCP foi o PS, que não se coibiu de plagiar, da maneira mais flagrante, dias depois, a iniciativa e até mesmo os termos usados pelo PCP.

Cavaco Silva não assumiu as suas responsabilidades e não correspondeu ao repto, é claro, e insistiu na lógica simplista da oratória a que habituou o país onde o seu Governo é «sempre o máximo», os maus resultados são da culpa dos outros e em que o Primeiro-Ministro promete trabalhar incansavelmente para os meter na ordem.

Com este figurino, foi anunciada, desta vez, uma situação da maior gravidade.

Cavaco Silva asseverou que 1993 vai ser um ano de «grande contenção e rigor». E explicou logo a seguir do que se trata ao especificar: «Podem fazer muito barulho, autarcas, reitores, dirigentes de hospitais, presidentes de institutos, que não vão alterar a minha posição.»

Isto significa, como previmos, neste local, na semana passada: menos dinheiro para as autarquias, para as escolas, para os hospitais e a saúde em geral, menos dinheiro para outros aspectos importantes das obrigações sociais do Estado. Significa também novas pressões contra os trabalhadores da Função Pública.

A recente entrada em vigor da redução da comparticipação do Estado no preço dos medicamentos para a grande maioria da população, em taxas que variam entre os 12 e os 20 por cento, ilustra de maneira concreta o desenvolvimento dessa política.

Não admira, assim (se se confirmar, pois de promessas cavaquistas estão os portugueses cheios), que o Governo prometa que não haverá aumento de impostos para o

próximo ano, pois medidas como estas, ou como a generalização e agravamento das chamadas «taxas moderadoras» de saúde, funcionam como verdadeiros impostos.

A «grande contenção» significa também grande contenção salarial.

O ministro do Emprego corre a dizer que ainda não estão a pedir «sacrifícios», mas só «moderação», o ministro das Finanças, pretendendo corrigir a má impressão causada pelo discurso do Primeiro-Ministro, faz constar, no «Diário de Notícias», que não se trata de medidas de austeridade para 1993, mas vai

O discurso de Cavaco Silva só engana os que querem ser enganados e estes, em breve, reconhecerão as duras realidades sociais que se escondem por trás das manipulações simplistas do Primeiro-Ministro.

dizendo que «os salários cresceram a taxa demasiado elevada» e que é para corrigir essa situação que adianta 5 por cento de aumento para a Função Pública.

O discurso de Cavaco Silva só engana os que querem ser enganados e estes, em breve, reconhecerão as duras realidades sociais que se escondem por trás das manipulações simplistas do Primeiro-Ministro.

Releva da mais chocante hipocrisia que o Primeiro-Ministro tenha escolhido o tema do desperdício dos dinheiros públicos como um dos motes do seu discurso.

É caso para perguntar: mas para quem está a falar Cavaco Silva? Para si próprio? Para os membros do seu Governo? Para as clientelas do seu partido?

Como pode arvorar-se em guardião dos fundos e dos bens públicos quem é precisamente responsável por algumas das mais escandalosas situações da sua delapidação, o que acontece flagrantemente com a generalidade das privatizações ou com indemnizações aos grandes beneficiários da ditadura fascista?

Como pode assumir a severidade de um tal papel quem é responsável por uma política e medidas de toda a ordem que diariamente carregam meios e apoios públicos para o objectivo prioritário, confessadamente assumido pelo Governo, da reconstituição dos grupos económicos monopolistas?

Como pode apresentar-se com esta carranca de zelo quem é responsável pela construção do Centro Cultural de Belém, esse sorvedouro de dezenas e dezenas de milhões de

contos do erário público, que serviu até agora para realizar uma só cimeira da CEE, mas que vai continuar a implicar volumosos gastos incluindo para pagar as polícias privadas que asseguram a sua guarda?

É significativo que, tratando da matéria dos dinheiros públicos, o Primeiro-Ministro não tenha abordado o tema da corrupção, cujas labaredas alastram entre as clientelas do Governo e apaniguados do PSD (como o caso de Pedro Caldeira acaba de revelar) e chegam a chamuscar alguns antigos e presentes membros da equipa governamental.

O País não percebeu o que quis Cavaco Silva dizer quando, ao falar de candidatos do PSD para as eleições autárquicas, advertiu: «Não basta ser um bom social-democrata, é preciso ser sério e honesto.» Mas cuida Sua Excelência que as duas qualidades geralmente não coincidem?

Sempre que fala mais demoradamente, Cavaco Silva revela concepções que entram em aberto conflito com os princípios democráticos comumente aceites e, de modo concreto, com os que regem o regime democrático português.

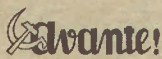
Acha o Primeiro-Ministro muito natural proclamar desde já, com uma desmedida arrogância, «que não mudará a sua posição» em relação ao próximo orçamento sejam quais forem as críticas feitas pelas autarquias, as escolas, os hospitais, os institutos e outros serviços públicos.

Permite-se o Primeiro-Ministro pôr em causa as competências constitucionais do Presidente da República como as de fazer uso do veto e suscitar a fiscalização do Tribunal Constitucional em relação a diplomas do Governo ou aprovados pela sua maioria parlamentar.

Mas ainda mais grave do que tudo isto é a forma insolente e flagrantemente antidemocrática como ataca os que não compartilham, contrariam ou se opõem à sua política - as oposições e, naturalmente, o próprio Presidente da República. Permite-se perguntar, à maneira salazarenta: «Será que apostam na derrota do País?»

Nós respondemos: **Com certeza que não! Apostamos na derrota do PSD e do Governo de Cavaco Silva, que se torna imperiosa para a salvaguarda dos interesses do País e do regime democrático.**

Com este objectivo, é de grande importância revigorar a resistência popular e democrática frente aos aspectos mais gravosos da política do Governo, desenvolvendo diversas demonstrações de massas e oportunas afirmações de convergência das forças democráticas.



Proletários de todos os países UNI-VOSI

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 793 82 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47059. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 395 21 93

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 395 21 93

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04
Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra — Telef. (039) 71 35 77
Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guilfões, 4450 Matosinhos
Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 395 21 93

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa — Telef. (01) 395 21 93
Composto e Impresso na Heka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS *

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00

ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00

MACAU — 50 números: 13.042\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.056\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.760\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

Nota da Comissão Política

Comparticipação nos medicamentos e taxas de juro contra quem trabalha

1. A Comissão Política do PCP denuncia vigorosamente a orientação - hoje confirmada através de diversas notícias - que está a ser seguida pela Banca no sentido da descida das taxas de juro dos depósitos e que comprova claramente o propósito dos bancos de manterem lucros exorbitantes à custa da injusta penalização dos seus depositantes.

O PCP reafirma que o que sempre esteve em causa e o que o PCP, pela sua parte, sempre reclamou foi a baixa das taxas de juros dos empréstimos e não a redução das taxas de juro dos depósitos, que nada justifica, nomeadamente nos depósitos a prazo até um ano, dadas as elevadas margens de intermediação praticadas (diferença entre o nível das taxas de juro dos empréstimos e dos depósitos) pelas instituições bancárias.

Estão em causa interesses de milhares e milhares de cidadãos, muitos dos quais têm na remuneração dos seus depósitos uma das principais fontes de rendimento fixo e de atenuação da sua grave situação social e económica.

Nesse sentido, exige-se do Governo, não a cumplicidade de que com o seu silêncio e inação está exibindo, mas uma intervenção imediata em relação ao comportamento nesta matéria do sector bancário, o qual, recorde-se, só no último ano, beneficiando das maiores margens de intermediação de toda a Europa, arrecadou mais de 145 milhões de contos de lucros, num processo de centralização de capitais de natureza especulativa assente numa considerável penalização e asfixia da actividade produtiva.

2. O PCP protesta firmemente contra a redução das participações do Estado nos medicamentos agora entrada em vigor e que constitui um novo e muito gravoso passo de uma política deliberadamente orientada para aumentar os encargos dos cidadãos com serviços sociais básicos, no quadro de uma crescente desresponsabilização do Estado que contribui poderosamente para as dificuldades de grande parte da população e acentuação das injustiças e desigualdades sociais.

O PCP chama a atenção para que uma descida das participações do Estado de 10 pontos percentuais significa para os cidadãos não um aumento de encargos da ordem dos 10% como erradamente se procura fazer crer, mas de 20% e de 50% (consoante se trate de medicamentos anteriormente comparticipados em 50% ou 80%).

O PCP sublinha a completa falsidade do argumento usado pelo ministro da Saúde de que os aumentos dos encargos da generalidade dos cidadãos se destinam não a assegurar cortes nas despesas do seu Ministério mas a cobrir o acréscimo de 5% nas participações relativas a pensionistas com pensões inferiores ao salário mínimo nacional.

Basta considerar o diferente nível dos acréscimos concedidos e das reduções impostas e a diferente dimensão dos universos de cidadãos abrangidos por uns e por outras, para deitar por terra a pretensão governamental de pintar estas suas medidas como generosos dispositivos de justiça e de solidariedade social.

A este propósito, é de recordar que mesmo aquelas camadas já tinham sofrido o impacto do aumento do IVA nos medicamentos e que foi o PSD que na Assembleia da República inviabilizou uma proposta do PCP garantindo aos pensionistas e aos trabalhadores com salário inferior ao mínimo nacional a gratuitidade dos medicamentos para doenças crónicas e 80% de comparticipação nas próteses e dispositivos de compensação.

A exemplo do que tem feito desonestamente com as taxas moderadoras, e com as propinas do ensino superior público, também em relação à comparticipação de medicamentos o Governo invoca fictícias e hipócritas razões de justiça social para melhor atingir resultados que, invariavelmente, se saldaram pelo agravamento dos encargos da generalidade dos cidadãos e por nenhuma especial penalização dos que são efectivamente detentores de muito altos rendimentos.

3. A Comissão Política do PCP considera que a evolução da situação económica é cada vez mais preocupante, avolumando-se os factores de crise e as intervenções governamentais no sentido de procurar fazer pagar as consequências da sua política aos trabalhadores.

Depois da quebra da produção, em 1991 o PIB atingiu apenas os 2,5% (o valor mais baixo dos últimos anos) e da

forte desaceleração do investimento, os indicadores mais recentes confirmam o agravamento da situação. Continuação da quebra na produção, situação dramática em muitos subsectores agrícolas (vinho do Douro, tomate, batata), diminuição no acréscimo das exportações, aumento do défice comercial (750 milhões de contos); agravamento da crise em vários sectores industriais (têxtil, plásticos...), encerramento de empresas. Esta situação é acompanhada pelo aumento dos salários em atraso, pelo desemprego e pela degradação da qualidade do emprego.

Os sérios e agudos problemas da economia portuguesa e as graves consequências sociais deles decorrentes, exigem, não como faz o Governo a persistência obstinada na chamada política de convergência nominal e as tentativas de iludir a realidade, mas um novo rumo para a política económica e social do País, uma política de efectivo desenvolvimento e de modernização do aparelho produtivo e de melhoramento das condições de vida e de trabalho dos portugueses.

4. A Comissão Política chama a atenção para a sucessão ininterrupta de casos e situações que revelam graves delapidações de fundos e bens públicos e que constituem um dos traços marcantes da política do Governo.

O caso conhecido mais recente é o noticiado há dias sobre a venda, pelo IPE, por 3 milhões de contos, de uma empresa que há dois anos comprara por 9 milhões. Entretanto, abundam vários outros casos desde o tristemente célebre processo da construção do Centro Cultural de Belém, às chorudas indemnizações dadas aos senhores 24 de Abril (nomeadamente a entrega de 10 milhões de contos a Champallimaud) e às concessões de benefícios fiscais de mais de 120 milhões de contos para actividades financeiras e especulativas.

O processo de privatizações é exemplo flagrante dessa política e os escândalos de que se reveste só foram abafados porque o PSD, abusando da maioria de que dispõe na Assembleia da República, impediu que fosse por diante o inquérito ao referido processo, proposto pelo Grupo Parlamentar do PCP. Importantes empresas públicas são privatizadas em condições extremamente gravosas para o Estado: empresas altamente rentáveis são vendidas ao desbarato e em muitos casos, é o próprio Estado que empresta aos compradores os milhões de contos necessários à transacção.

Como se vê, a política de Cavaco Silva é o mais gritante exemplo de uma política empenhada em defender os privilégios egoístas e conservadores de alguns em detrimento e prejuízo dos interesses colectivos.

5. O Primeiro-Ministro, procurando tranquilizar os portugueses, repetiu este fim-de-semana que não vai aumentar os impostos.

A Comissão Política do PCP recorda que, há precisamente um ano, em campanha eleitoral, Cavaco Silva também prometia o mesmo, e muito mais...

Mas a verdade é que o Orçamento de Estado, aprovado apenas com os votos do PSD, apresenta um dos maiores agravamentos registados nos últimos anos, pesando em especial sobre as famílias de menores recursos, pelo facto de, nomeadamente, aumentar significativamente os impostos indirectos.

A Comissão Política do PCP chama a atenção da opinião pública que o Orçamento deste ano apresenta um



José Casanova, da Comissão Política, acompanhado por Luís Corceiro, apresentou aos jornalistas as conclusões da última reunião da Comissão Política do PCP

acréscimo de mais 30% de receitas fiscais, mais 674 milhões de contos de impostos que os portugueses estão a pagar!

A Comissão Política do PCP recorda que só o IVA foi aplicado a cerca de 4000 novos produtos e recorda ainda que quando já era evidente o aumento da carga fiscal, ainda o Primeiro-Ministro procurava defender a tese do não agravamento ao mesmo tempo que o ministro das Finanças afirmava ridiculamente que não havia aumento da carga fiscal, mas sim "harmonização"...

Também em relação ao Poder Local é necessário lembrar que já no Orçamento deste ano o Governo "suspendeu" inconstitucionalmente a Lei das Finanças Locais, retirando às autarquias cerca de 53 milhões de contos, tendo-as sobrecarregado com impostos e outros encargos como se o Poder Local não desempenhasse um importantíssimo papel na resolução dos problemas das populações, como se não tivesse especiais necessidades e compromissos com os cidadãos.

6. Na esperança de assim desanimar a resistência à sua nefasta política, o Primeiro-Ministro, numa atitude de desmedida arrogância, acaba de proclamar o seu propósito de fazer orelhas moucas aos previsíveis protestos e movimentações de luta de múltiplos sectores sociais e entidades gravemente atingidas e lesadas pela política governamental.

O PCP manifesta a sua profunda convicção de que esta arrogância, insensibilidade e autoritarismo do Primeiro-Ministro terão a resposta adequada por parte dos trabalhadores e de outras camadas da população laboriosa que justamente não estão dispostos a resignar-se e a sofrer uma política de acentuada regressão social, de profunda desestabilização nas suas condições de vida e de trabalho, de desumano sacrifício dos seus interesses e direitos.

A Comissão Política considera finalmente que é tempo de pôr termo à impunidade de que gozam as intervenções de Cavaco Silva de manipulação e deturpação da realidade do País; que é tempo de os monólogos do Primeiro-Ministro darem lugar ao debate plural e aberto e à confrontação das várias opiniões sobre a situação que hoje se vive em Portugal.

Nesse sentido, e dado que o Primeiro-Ministro no seu discurso no Algarve fugiu ao incómodo repto que o PCP lhe tinha lançado há uma semana, o PCP lança hoje um novo repto ao Primeiro-Ministro para um debate televisivo, a curto prazo, sobre a situação nacional com os dirigentes dos partidos da oposição.

Lisboa, 25 de Agosto de 1992

A Comissão Política do CC do PCP

TRABALHADORES

CT opõe-se à redução de postos de trabalho na Cimpor

A Comissão de Trabalhadores da Cimpor, ao protestar a semana passada contra a preparação de um despedimento colectivo de 150 pessoas, sublinha que «a intenção de reduzir o número de efectivos não se deve ao facto de a empresa poder prescindir do trabalho por eles prestado».

Esclarece a CT que a administração «os pretende substituir, na sua generalidade, por mão-de-obra externa, por empreiteiros, por empresas prestadoras de serviços, por trabalhadores com contrato a termo, ou simplesmente por outros, ou ainda pelos mesmos, mas com vínculo precário à Cimpor».

A empresa, que emprega actualmente 2100 trabalha-

dores, é uma das abrangidas pela campanha privatizadora do Governo. A CT salienta que «o objectivo desta administração» é o de «entregar a Cimpor ao capital privado aliviada de encargos sociais».

Os que ficam nada ganham com a operação

A operação de despedimento, que a administração se propõe prosseguir por fases atingindo o próximo ano, prejudica todos os trabalhadores. A CT destaca: «Há que desmistificar a ideia de que os que ficarem na empresa terão a ganhar com a saída dos outros».

Despedimento colectivo na Grundig. 90 por cento de adesão à greve em Sines. Conflitos na Função Pública. Outras lutas.

Para a CT da Cimpor essa ideia é falsa. Embora naturalmente reconheça que «a decisão de acordar a rescisão de contrato é uma decisão que respeita a cada um», a CT frisa que «em nome da "racionalidade", da "produtividade", da "eficácia" e da "modernização" da empresa, a insegurança no emprego tende a ser cada vez maior». E concretiza alertando para a «tentativa de liquidar profissões em simultâneo com o

objectivo de instituir uma polivalência cada vez mais alargada e com um aumento dos ritmos de trabalho».

A própria «ideia de trabalhadores excedentários» tem para a CT da Cimpor «o objectivo de exercer uma pressão psicológica e intimidatória sobre todos os trabalhadores da empresa». Com ela ou através dela, pretende-se violar o «legítimo direito de ocupação efectiva do posto de trabalho».

A CT sublinha que, «em

última análise, serão os direitos e regalias sociais a ficar profundamente condicionados, afectados e limitados».

Depois de chamar a atenção para o que é devido aos trabalhadores em caso de despedimento, a CT mostra confiança na capacidade do pessoal para «manter os seus direitos». Apelando ao «reforço da unidade entre todos», a CT acompanha a evolução diária do assunto e propõe-se realizar plenários de trabalhadores nos vários locais de trabalho da empresa.

no dia seguinte que a empresa «não apresenta razões consistentes, no plano económico e de negócios», que justifiquem a decisão de despedir. A FSTIEP e o STIEN (Indústrias Eléctricas) contestaram o despedimento colectivo, «injustificado e arbitrário, exigindo a sua nulidade».

Mantinhm-se entretanto os conflitos em diversos sectores da Função Pública. Os mais graves da semana passada afectaram a Direcção-Geral do Tesouro (Ministério das Finanças) e os guardas florestais que entraram em greve. O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Centro acusou aquela DG de «incompetência e negligência» por ter anulado um concurso a que se candidataram 800 trabalhadores. A anulação, por despacho da respectiva Secretaria de Estado, teria ficado a dever-se ao simples facto de as actas terem sido assinadas pelos membros suplentes do júri. Continuava entretanto a greve dos técnicos auxiliares sanitários, que se prolonga até ao fim do mês. Na mesma altura, os guardas florestais, em luta por um caderno reivindicativo, recorriam ao Parlamento Europeu e ao Comité Permanente Florestal, em Bruxelas.

Outras lutas decorriam na CP (linha de Sintra), no Sheraton (Lisboa) contra despedimento colectivo, no aeroporto (bagageiros da TAP adiaram a greve marcada para sábado) e no aldeamento Vale-Navio de Albufeira (paralisação de 21 a 23 pelo pagamento de salários em atraso).

Previstas mais greves no Complexo de Sines

Após dois dias de greve, com uma adesão de 80 por cento no primeiro (17.8) e de 90 por cento no segundo (20.8), os trabalhadores do Complexo Petroquímico de Sines (empresas do grupo Neste Oy) marcaram um plenário para decidir sobre a convocação de novas greves. A direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul recordava em 20 do corrente que a forma de luta adoptada «tem como objectivo a negociação de uma nova estrutura remuneratória e melhores regalias sociais».

Na multinacional Grundig de Braga, as organizações representativas (ORTs) receberam em 20 do corrente a lista com os 45 trabalhadores a despedir. A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas de Portugal (FSTIEP) afirmava

Aumenta o trabalho infantil

Segundo a CGTP-IN, que nos enviou sobre o assunto um comunicado, assiste-se, nesta quadra de férias, «a um recrudescimento e agudização de situação de trabalho infantil». O aumento é visível por todo o País, «mas com mais incidência nos distritos de Braga, Porto e Aveiro».

A Inspeção-Geral do Trabalho tem sido alertada para o facto pelas organizações intermédias da CGTP, sobretudo as Uniões Distritais, mas «afirma não possuir meios para resolver a situação».

Ao mesmo tempo que reclama do Governo «medidas concretas e eficazes para combater esta chaga social», a CGTP não aceita aquelas posições da IGT e reclama do Governo que dote a Inspeção dos «meios necessários para que exerça as funções que lhe competem na fiscalização e combate às irregularidades no mercado de trabalho».

Designadamente, a CGTP reclama que, com a abertura do novo ano lectivo, «se façam funcionar mecanismo de controlo, através das fugas às matrículas e das faltas às aulas, para detecção e combate das situações de trabalho infantil».

Lê-se ainda no comunicado:

«A CGTP-IN interroga-se sobre se os estabelecimentos de ensino e as empresas estão a comunicar à IGT, respectivamente, as situações de abandono escolar e a admissão de menores de 16 anos, conforme estão obrigados pelo Regime Jurídico do Trabalho de Menores, e sobre o tratamento que estes casos têm por parte da IGT.

«No Verão, neste período de férias escolares, muitas crianças vão trabalhar para se ocuparem ou para ganharem algum dinheiro. Depois



Os períodos de férias propiciam o aumento dos «candidatos» (foto de arquivo)

acabam por ficar indeterminadamente a trabalhar e abandonam os estudos. Em muitos casos, as crianças matriculam-se na escola para cumprir a lei e, em vez de frequentarem as aulas, vão trabalhar.

«O recrudescimento do trabalho infantil nesta altura deve-se, fundamentalmente, à falta de formas adequadas e acessíveis de ocupação da crianças na época de férias e dos tempos livres no período escolar, aliada à preocupação das famílias de assegurarem às crianças um futuro profissional em face de uma escola pouco cativante e da ausência de saídas profissionais após os estudos, situação que é aproveitada e explorada por patrões sem escrúpulos, na mira de lucros fáceis.

«A CGTP-IN considera que o combate ao trabalho infantil exige a adopção de medidas concretas e eficazes, particularmente de carácter social, com destaque para o reforço dos meios para a acção social escolar, bem como a atribuição de

apoios económicos às famílias com menores recursos».

«Os custos dos materiais escolares são demasiado elevados e não podem ser suportados por muitas famí-

lias portuguesas, situação que contraria o direito ao ensino universal, obrigatório e gratuito, legal e constitucionalmente consagrado», conclui a CGTP-IN.

Drástica redução para o ano das vagas nos hospitais

— Sindicato dos médicos reclama revisão imediata do mapa de vagas do internato complementar para 1993

Por conter um «conjunto de incoerências e situações gravosas», o mapa de vagas do internato complementar deve ser revisto imediatamente, considera o Sindicato dos Médicos da Zona Centro. Segundo o SMZC, o mapa, que contém as vagas disponíveis a partir de Janeiro de 1993, «omite e contraria os compromissos assumidos pelo Ministério da Saúde», cujos responsáveis afirmaram sempre que

iriam abrir «todas as vagas de acordo com a capacidade formativa e idoneidade dos serviços».

Num comunicado emitido em Coimbra em 21 de Agosto, os dirigentes do SMZC revelam que, segundo o mapa para 93, há menos 80 por cento de vagas hospitalares, verificando-se o quase total encerramento das vagas nos hospitais centrais (169 para 1993 contra 831 este ano).

Não entender do Sindicato, o mapa contraria «as orientações comunitárias que recomendam a formação dos médicos em hospitais centrais e universitários». Além disso, não respeita «a capacidade formativa indicada pela generalidade dos serviços hospitalares e centros de saúde», e traduz a «acentuada redução dos lugares de formação».

Os dirigentes sindicais criticam também a duplicação

(de 80 para 160) das vagas do internato de clínica geral e, segundo a Lusa, aludem ao que consideram o «bloqueio injusto e imoral na formação de centenas de jovens médicos».

A colocação dos candidatos até ao preenchimento da totalidade das vagas e a abolição do critério de exclusão constituem também reivindicações do Sindicato dos Médicos da Zona Centro, segundo o comunicado de 21 do corrente.

NACIONAL

Encontro da Juventude CDU na Madeira marcado para 5 de Setembro

— anunciados jovens candidatos

A Juventude CDU da Madeira vai realizar um encontro constitutivo no próximo de 5 de Setembro, que além de eleger uma comissão organizadora irá debater e aprovar as principais pro-

postas eleitorais a apresentar aos jovens daquela região autónoma.

Esta decisão foi tomada no decorrer de uma reunião entre a Comissão Política da JCP/Madeira e jovens inde-

pendentes, que formaram uma comissão organizadora do encontro.

Após a reunião foram também divulgados, em conferência de imprensa, os objetivos fundamentais que nor-

teiam a criação da Juventude CDU na Madeira, donde se salienta a intenção de «sensibilizar os jovens madeirenses com vista à sua participação activa nas eleições regionais marcadas para Outubro».

Os jovens CDU sublinham a sua «postura crítica quanto à forma com tem funcionado a Assembleia Regional», que «tem fechado as portas à juventude».

Como exemplo disso; é apontado o facto da Comissão da Juventude «ser a que menos reuniões fez e a que menos trabalho apresentou». A Juventude CDU considera ainda «caricato» que no decorrer das manifestações contra a PGA, os jovens deputados não tenham estado na Assembleia para receberem os estudantes em luta.

Os jovens CDU condenam ainda as declarações feitas posteriormente pelos parlamentares de que «a Assembleia Regional nada tinha a ver com a luta dos estudantes», o que, sublinham, «constitui uma afirmação ridícula, mas que ilustra bem o espírito com que estes deputados encaram o funcionamento da Assembleia Regional, face aos problemas e anseios dos jovens madeirenses». Na nota divulgada, estas atitudes são atribuídas, nomeadamente, ao presidente da JSD e ao presidente da JS.

No encontro com a imprensa, a Juventude CDU fez questão em salientar que «tal como nós, muitos jovens não se reconhecem na política de fantochada eleitoralista e demagógica do presidente do Governo Regional, nem no discurso caceteiro, trapalhão, sempre pejado de erros de Português do presidente do grupo parlamentar do PSD. Assim como não se revêem na actual oposição,

se é que assim se lhe pode chamar».

Jovens integram listas CDU

No sentido de contribuir para a «valorização da imagem do órgão máximo de poder regional» para a juventude, os jovens CDU anunciaram que vão apresentar, às organizações que compõem a coligação, um conjunto de nomes que inte-

sional de hotelaria; António Luciano Vasconcelos, 23 anos, gráfico.

A juventude CDU assegura que «eleitos ou não os jovens candidatos da CDU assumirão desde já o compromisso de apresentar propostas no sentido da resolução de problemas dos jovens em diversas áreas».

Com este fim, estes jovens vão propor à CDU que os deputados eleitos reúnam regularmente com as organizações juvenis unitárias,

Verdes contra passagem por Portugal de navio radioactivo

Em conferência de imprensa, dada a semana passada pelo Partido «Os Verdes», foi lançado o alerta para os perigos da passagem em breve do cargueiro japonês, *Akatsuki Maru*, por águas portuguesas, com um carregamento de plutónio reprocessado, com destino às centrais nucleares do Japão.

Proveniente do porto francês de Cherburgo, o navio terá nos porões uma tonelada daquele elemento extremamente instável, suficiente para produzir 150 bombas atómicas iguais à que em 1946 destruiu Nagasaki.

No encontro com os jornalistas, Manuela Cunha e Luís Cardoso exigiram uma tomada de posição por parte do Governo português, interrogando-se sobre a capacidade para reagir caso ocorra algum acidente.

«Os Verdes» anunciaram ter conhecimento de que o navio japonês, especialmente transformado para esta missão, esteve recentemente a fazer reparações e que, depois de um teste de mar, regressou aos estaleiros, o que é motivo para suspeitar de que não se encontra em boas condições.

Sérias dúvidas sobre a segurança da operação foram também manifestadas pela organização internacional Greenpeace, que denunciou o facto de os contentores que transportam esta substância altamente radioactiva não cumprirem todas as condições de segurança impostas pelas normas internacionais.

Segundo o Greenpeace, uma possível fuga de 50 quilos de plutónio na baía de Tóquio seria suficiente para obrigar à evacuação de 40 milhões de pessoas.

É perante grave esta situação que o Partido Ecologista «Os Verdes» não compreende o silêncio do Governo português, num momento em que se aproxima a data em que o navio deverá sair de França rumo ao Japão, e reclama que seja proibido

do qualquer trânsito de navios com plutónio pelas águas da nossa zona económica exclusiva e a interdição da sua entrada nos nossos portos mesmo em caso de emergência.

Esta atitude foi de resto tomada pelo governo de Hong Kong, na passada semana, na sequência de uma carta enviada pelo Greenpeace ao governador Chris Patten e ao director do departamento da Marinha local, que anunciou já que o cargueiro será proibido de entrar em águas daquela colónia britânica.

Paradoxalmente, o Governo português parece não estar preocupado com a carga do navio, tendo mesmo autorizado a sua passagem por águas portuguesas, sem contudo ter feito qualquer declaração oficial sobre o assunto.

Este silêncio poderá estar ligado ao secretismo que rodeia a operação, já que o navio é um potencial alvo de um ataque terrorista. Foi o próprio presidente do Nuclear Control Institute, dos Estados Unidos, Paul Leventhal, que qualificou de «pesadelo» a hipótese de um ataque ao navio no mar por parte de uma organização terrorista. O presidente daquele instituto privado de Washington, que segue as actividades susceptíveis de contribuir para a proliferação de armas nucleares, afirmou que a Administração Bush, ao aprovar o plano de expedição anual de plutónio de França para o Japão, é culpada de uma grave infracção à política de não proliferação nuclear.

Entretanto, o Partido Ecologista «Os Verdes» considera que ainda há tempo para mobilizar a população contra a autorização concedida ao barco japonês pelo Governo português, mas se até ao início da próxima legislatura não for tomada posição oficial, este partido ameaça interpelar o Executivo na Assembleia da República, para exigir uma «correcta e transparente informação à opinião pública».

Resistentes antifascistas rejeitam alteração dos feriados

O projecto de diploma que visa a alteração dos feriados, em fase de discussão pública, constitui, segundo uma nota emitida pelo Conselho Directivo da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), «mais uma inaceitável tentativa de secundarização na História e na vida dos portugueses de datas que são pontos altos de períodos históricos que marcaram de forma progressista

a afirmação da nação portuguesa».

A URAP rejeita a inclusão do 25 de Abril, 5 de Outubro e 1 de Dezembro na categoria dos feriados «convencionados» - em contraposição aos «fixos» - considerando que «é reveladora de uma atitude política enformada por diversos revanchismos, em relação à democracia e à soberania, por parte do Governo».

Os resistentes antifascistas, que com outras organizações democráticas portuguesas se têm dedicado «à concretização de medidas que façam permanecer na memória colectiva o papel que as lutas populares nesses períodos históricos tiveram para a configuração do regime democrático em que hoje vivemos», reclamam «a permanência, nos termos actualmente em vigor», daqueles três feriados nacionais.



grarão as listas da CDU às eleições regionais. Designadamente, foram avançados alguns nomes de jovens que aparecerão nas listas eleitorais. Entre eles, estão Marco Pitta Dionísio dos Santos, de 19 anos, estudante; Ricardo Paulo Camacho Rodrigues, 20 anos, músico; Octávio Garanito Gonçalves, de 23 anos, escriturário; Maria Inês França, 23 anos, profis-

nomeadamente com as associações de estudantes, sindicatos, associações culturais e recreativas. Outra medida que vai ser proposta refere-se a que «sempre que for necessário, ou seja, quando houver matéria de interesse juvenil, os deputados possam ser substituídos por um jovem, no sentido de haver uma intervenção qualificada».

Decq Mota visita vila de Nordeste

O cabeça de lista da CDU pela Ilha de S. Miguel, José Decq Mota, visitou na passada sexta-feira, a vila de Nordeste, a convite da comissão local da CDU. O candidato foi recebido pelas direcções da Santa Casa da Misericórdia e do Centro de Saúde do Nordeste, pelo conselho directivo da Escola Preparatória, pelos serviços florestais e pela Câmara Municipal de Nordeste.

Foi uma ronda de «interessantes contactos» em que foram focados os êxitos e as dificuldades existentes, afirmou o cabeça de lista da CDU. A realidade actual de cada uma das instituições e as medidas necessárias para resolver os problemas dominaram os encontros realizados, cujos resultados foram considerados por José Decq Mota como «muito importantes, tendo em conta o trabalho a desenvolver na Assembleia Legislativa».

A visita terminou com um convívio na sede da Associação de Nordeste, onde compare-

ceram largas dezenas de pessoas, entre as quais muitos jovens.

Na sessão usaram da palavra Jorge Araújo, candidato da CDU, e José Decq Mota, que salientou que a democracia não deve ser apenas política, mas também económica e social. O cabeça de lista por S. Miguel traçou o actual quadro político eleitoral referindo que é essencial para o futuro do sistema autonómico e para o equilíbrio político, que não haja maiorias absolutas. Decq Mota sublinhou ainda a importância da presença da CDU na Assembleia Legislativa Regional, como força de equilíbrio e portadora dos interesses de amplas camadas da sociais dos Açores. A sua intervenção centrou-se na necessidade de contribuir para a derrota do PSD, impedir que haja maiorias absolutas e recuperar o mandato perdido tangencialmente em 1988. Esta iniciativa terminou em ambiente de convívio, de alegria e entusiasmo.

«O Militante» número 200

**brevemente à venda
no circuito comercial**

A edição especial, número 200, de «O Militante» estará disponível, a partir do dia 1 de Setembro, no circuito comercial, podendo ser também adquirido durante a Festa do «Avante!» no pavilhão de «O Militante». Como já referimos no último «Avante!», este número tem 80 páginas e publica um caderno exclusivamente dedicado à preparação do 14.º Congresso do PCP e um destacável sobre a Festa do «Avante!».

Para além dos artigos já referidos anteriormente, são ainda de salientar o artigo de Amélia Pardal, sobre a política de juventude; a análise de Joaquim Miranda sobre a presidência portuguesa das Comunidades; e a abordagem do conceito de democracia, por Manuel Gusmão. Chamamos também a atenção para a análise do «Pentagon Paper», documento que define as orientações do Pentágono para os exercícios de 1994-98. A *Página Aberta* inclui, neste número, um resumo do artigo de Carl Bernstein; na «Time», sobre a «Aliança Sagrada» entre Reagan e o Papa.

Lembramos que a compra do número 200 de «O Militante» habilita o leitor a aliciantes prémios, bastando para isso preencher o cupão respectivo e enviá-lo para a Redacção da revista. Recordamos também que o 1.º prémio é constituído por uma viagem à Madeira de seis dias, o 2.º prémio oferece um fim-de semana no Algarve para duas pessoas, e o 3.º prémio, livros das edições «Avante!» no valor de 15 mil escudos.



O Militante Ano 60
Série IV
N.º 200

2 ABERTURA

É preciso defender a democracia

4 O MILITANTE

"O Militante" número 200

6 O MILITANTE

"O Militante" há 50 anos

9 LUTAS

Uma intensa movimentação laboral

17 JUVENTUDE

Política de juventude. Ficção ou realidade?

19 MULHERES

As e os comunistas na acção pela igualdade

24 CEE

A Presidência Portuguesa das Comunidades

27 INTERNACIONAL

A propósito de um "Pentagon Paper"

31 ESPECIAL CONGRESSO

- Mesa redonda sobre o Congresso XIV Congresso. O debate no Partido
- Resolução do CC sobre a preparação do XIV Congresso
- Regulamento para o debate no Partido e eleição dos delegados ao XIV Congresso

47 REFLEXÃO

O Afeganistão esquecido

51 TEMA

Sobre o conceito de democracia

54 REGISTO

Guatemala

57 PÁGINA ABERTA

Sobre o artigo da "Time"

60 NOTAS E COMENTÁRIOS

- Vitória da unidade - Sobre Maastricht - Quanto valem os portugueses mais ricos - Uma frase com grande valor - O sucesso... e o insucesso - Uma carta dos despachantes oficiais

67 DOCUMENTOS

Resolução do CC do PCP sobre a situação política - Comunicado do CC do PCP

PCP comenta demissão de subsecretária

Numa nota do seu gabinete de imprensa, o PCP considera que «a demissão da subsecretária de Estado da Cultura, no seguimento de um rocambolesco processo que envolveu o titular da Secretaria de Estado, Santana Lopes, e o próprio primeiro-ministro, para além do circunstancialismo concreto de que se reveste, constitui sobretudo uma significativa expressão de que nem o funcionamento interno do Governo, nem as relações entre os seus membros escapam ao autoritarismo, à arrogância e à arbitrariedade que são caracte-

rística marcante da governação do PSD e de Cavaco Silva.

Neste episódio, não pode deixar de causar a maior perplexidade, na opinião pública, e de suscitar uma viva desconfiança quanto à ligeireza com que membros do Governo tratam assuntos de inegável seriedade, o facto de relatórios técnicos sobre relevantes questões de segurança poderem dar origem a desencontradas decisões por parte de responsáveis governamentais, eventualmente em função de manobras alheias ao interesse público».

Lino de Carvalho visita concelho de Mora

O deputado comunista Lino de Carvalho visita hoje o concelho de Mora, estando prevista a sua deslocação à ribeira da Raia, cujo caudal baixou drasticamente nas últimas semanas devido à seca e ao esvaziamento da Barragem do Maranhão.

Este fenómeno levou mais uma vez à morte de grandes quantidades de peixe, provocando um novo desastre ecológico, com

consequências graves para as populações, para a economia e preservação ambiental da região.

Lino de Carvalho vai verificar no local o sucedido, devendo reunir-se com o executivo da Câmara Municipal de Mora, com responsáveis da empresa de tomate Sopragol e com os agricultores que utilizam a água da ribeira para a rega.

Deputado presta contas

O deputado regional da CDU, Paulo Valadão, está a realizar na Ilha das Flores, uma série de sessões públicas para informar os eleitores, de todas as freguesias, do trabalho realizado na última sessão parlamentar.

Tiveram já lugar, com boa participação, sessões nas freguesias de Ponta Delgada e

Cedros e nos lugares da Fazenda de Santa Cruz e Ponta Ruiva. Nos próximos dias deverão realizar-se encontros com a população do lugar da Ribeira dos Barqueiros, freguesia de Caveira, e no concelho de Santa Cruz. Mais tarde o deputado realizará sessões em todas as freguesias do concelho de Lajos.

CAMARADAS FALECIDOS

FRANCISCO VERÍSSIMO

Faleceu recentemente Francisco Ribeiro Veríssimo Duarte, destacado militante do PCP e presidente da Junta de freguesia da Marinha Grande. A Comissão Concelhia da Marinha Grande do PCP divulgou um comunicado à população onde manifesta «profunda mágoa e pesar» pelo falecimento do professor Veríssimo, que contava 55 anos de idade.

Nascido em Cimbres, no concelho de Armamar, Francisco Veríssimo residia há décadas na Marinha Grande, cuja terra fez sua e a que se dedicou de alma e coração, trabalhando incessantemente para o seu engrandecimento e para o bem-estar da população.

Dedicado e prestigiado professor, Francisco Veríssimo, antifascista convicto, repartiu a sua vida por uma diversificada actividade ao serviço da causa do povo.

Como vereador da Câmara Municipal da Marinha Grande, desenvolveu uma meritória actividade na área da cultura, da educação e do ensino. Foi destacado activista das comissões de moradores do concelho da Marinha Grande, liderou com reconhecida notoriedade o movimento de alfabetização no concelho e assumiu-se como destacado activista sindical, sendo dirigente distrital do Sindicato dos Professores da Região Centro.

O funeral realizou-se na passada sexta-feira, dia 21 de Agosto.

FRANCISCO DE BRITO

Faleceu no passado dia 21, Francisco Diniz de Brito, de 82 anos de idade. Operário de panificação reformado, Francisco de Brito era natural de Espariz, concelho de Tábua e estava organizado em Santo António dos Cavaleiros.

JOSÉ PINTO

Faleceu, no passado dia 31 de Julho, vítima de doença súbita, José Perdigo Pinto, que estava organizado na comissão de freguesia de Paço de Arcos.

Aos familiares e amigos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Faleceu A. Garibaldi

Faleceu na semana passada, em Felgueiras, com 78 anos de idade, A. Garibaldi, respeitado democrata e resistente antifascista, poeta e jornalista, director do jornal regionalista «Gazeta de Felgueiras».

No plano profissional, A. Garibaldi era colaborador de diversos jornais nacionais e foi director do «Jornal de Felgueiras», tendo mais tarde fundado a «Gazeta».

Poeta de intervenção, A. Garibaldi, que

cultivava uma extensa rede de amigos por todo o País, participou, depois do 25 de Abril, em recitais realizados em diversas localidades, em especial de zona da Reforma Agrária, que apoiou empenhadamente.

Ao longo dos anos, A. Garibaldi manteve com os comunistas, e o PCP, uma estreita relação de unidade e solidariedade, tendo sido várias vezes candidato nas listas da CDU, que sempre apoiou sem reservas.



trais em destacável
o «Avante!»

nestral

a Portuguesa
ra Gomcs
ox

00940673

publicação
ui Teixeira

ão

del", SA

ndo, 14

3

reira Gomes

odex

72

o

ante!", SA

iguca

Amadora

egal 1622/88

Jugoslávia

Paz e guerra em debate em Londres

Está a decorrer estes dias, em Londres, uma conferência internacional para a paz na Jugoslávia, com a participação dos dirigentes das diferentes partes em conflito, representantes das Nações Unidas, dos Estados Unidos, da Comunidade Europeia e ainda do secretário-geral da Organização da Conferência Islâmica.

À margem da Conferência, reúne-se, dia 28, o Conselho ministerial extraordinário da União Europeia Ocidental (UEO), para analisar a aplicação das resoluções da ONU sobre a Bósnia-Herzegovina, que há quem defenda deverão passar por uma qualquer forma de intervenção militar.

Intervenção militar preconizada nomeadamente pelo presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, e muito claramente dirigida contra a Sérvia.

Por seu lado, o ministro croata dos Negócios Estrangeiros informou que o seu governo (que se tinha mesmo oposto à participação de representantes da Sérvia em Londres) iria propor em Londres um «tratamento militar de choque» contra a Sérvia.

Propósitos e linguagem que nada têm a ver nem com

paz, nem com o empenhamento na procura de soluções políticas para uma guerra que já se arrasta há catorze meses, faz inúmeras vítimas, impõe condições inumanas de vida a milhões de pessoas, e em que os governos da Europa têm também sérias responsabilidades.

Propósitos e linguagem que se afirmam ao arpejo das realidades e naturalmente dos interesses das populações da ex-Jugoslávia.

Subjacente à propaganda quotidiana e aos propósitos avançados por dirigentes europeus, estão duas premissas: a da responsabilidade exclusiva da Sérvia na guerra e nos últimos crimes que lhe estão ligados e a da necessidade de intervenção militar para lhes pôr cobro.

Ora os factos contrariam tais premissas.

«Toda a gente é culpada», afirmou recentemente o presidente do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICR), Cornelio Sommaruga, considerando que todas as partes em conflito na Bósnia-Herzegovina — sérvio, croatas e muçulmanos — são igualmente responsáveis pelas atrocidades que ali são cometidas. O mesmo no que se refere às «deparações étnicas», como é também sublinhado por

representantes da Cruz Vermelha.

Concretamente, o que se passa é que as populações são duplamente vítimas da guerra — pelas consequências que qualquer guerra acarreta e como «moeda de troca», no jogo de pressões militares e políticas.

Em recente relatório divulgado pelo CICR afirma-se que «civis inocentes são presos e vítimas de tratamento inumano». Sublinhando ainda que «a detenção dessas pessoas é consequência de uma política de transferências massivas e forçadas de populações, que se caracteriza pela sistemática prática da brutalidade. A violência, a confiscação de bens, as deportações e a tomada de reféns — reduzindo pessoas a simples moeda de troca — fazem parte de uma longa lista de atentados ao direito internacional humanitário».

Nenhuma solução passa por uma intervenção militar directa. Antes pelo contrário. «Não se deve fazer mais vítimas para socorrer outras vítimas», afirma o presidente da CICR. São aliás os próprios militares a defender que a aposta militar nada iria solucionar.

A general Maurice Schmitt, antigo chefe do

Estado-Maior das Forças Armadas francesas durante a guerra do Golfo comenta: «É da mais elementar prudência, de momento, limitar-se a tentar libertar os campos dos dois lados, prosseguir com a ajuda alimentar a Sarajevo e tentar chegar a uma solução negociada, porque qualquer grande intervenção militar será extremamente cara e deixará talvez uma situação pior que a que vivemos neste momento».

Em Washington, o general canadiano Lewis Mackenzie, ex-responsável da força da ONU em Sarajevo, declarou na tribuna do Senado norte-americano que não havia «solução militar na Bósnia». «Não é possível que uma intervenção leve a coisa diferente de uma escalada de combates e mais mortes», disse, acrescentando que «se for tomada a decisão de escoltar um transporte de fornecimentos com cobertura aérea (...) será dado o primeiro passo para a intervenção nos Balcãs».

Para o futuro da ex-Jugoslávia, como para os milhões de refugiados que esperam pela paz para tentar refazer as suas vidas, a única solução possível passa necessariamente por acordos políticos.

LUCROS

Os bancos alemães ganharam muito dinheiro em 1991, graças à reunificação alemã que provocou uma explosão nos pedidos de créditos — afirma o Bundesbank no seu relatório mensal referente a Agosto.

Os resultados da exploração atingiram um novo recorde de 35 mil milhões de marcos, o que corresponde a mais 18,8% que em 1990.

DESEMPREGO

O número de pessoas desempregadas há mais de um ano na Grã-Bretanha subiu em 64 000 durante o segundo trimestre de 1992, ultrapassando, pela primeira vez desde 1988, os 900 000 casos, segundo informação do Ministério do Emprego.

Paralelamente, o valor total das falências pessoais aumentou 30 por cento, atingindo 16 180 casos durante os seis primeiros meses do ano, se comparado com o mesmo período de 1991.

As falências de sociedades aumentaram 11 por cento durante o primeiro semestre.

O grupo etário mais afectado pelo desemprego de longa duração é o dos 18 aos 24 anos, onde são assinalados 184 700 jovens sem emprego há mais de um ano.

No total, a Grã-Bretanha tem uma taxa de desemprego de 9,7%.

PERU

Cerca de 26 mil trabalhadores dos sectores da educação e da saúde no Peru iniciaram uma greve geral para exigir aumentos salariais, enquanto a agitação social aumenta no país.

Cerca de oito mil membros da Federação Médica peruana paralisaram durante 48 horas, ameaçando o governo com uma greve por tempo indeterminado a partir de 5 de Setembro, se as suas exigências não forem satisfeitas.

No sector da educação, cerca de 18 mil funcionários não docentes nas Universidades públicas de todo o país entraram em greve por 24 horas, exigindo aumentos salariais e segurança do emprego, ameaçado por um plano de redução de pessoal anunciado pelo governo.

Os sindicatos do pessoal administrativo da educação e saúde ameaçaram começar uma greve por tempo indeterminado no fim do mês, se o governo não aumentar os seus salários.

EL SALVADOR

O governo salvadorenho legalizou a «Rádio Venceremos», a emissora oficial do Movimento «Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional» (FMLN), informou o director da estação, Carlos Consalve.

«Hoje é um dia de festa, a Rádio Venceremos é agora uma emissora legal», anunciou o director ao microfone da estação, que transmitiu pela primeira vez em 10 de Janeiro de 1981 com o início da guerra civil salvadorenha.

Um ano depois, uma outra emissora da guerrilha, a «Farabundo Martí», começou também a transmitir e aguarda agora a respectiva legalização.

GUATEMALA

O governo e a guerrilha guatemaltecos retomaram as conversações de paz para pôr fim a mais de 30 anos de guerra civil no país.

A oitava ronda de negociações entre representantes do governo e da União Revolucionária Guatemalteca (URNG), que integra quatro grupos da guerrilha, decorre num hotel da Cidade do México.

Divergências em matéria de defesa dos direitos humanos impediram até agora a conclusão de um acordo para acabar com a guerra que já fez mais de 100 mil mortos no país.

SOMÁLIA

Na Somália, um milhão de crianças estão ameaçadas de morte por inanição e as provisões de alimentos chegadas a esse país apenas podem ajudar metade da população juvenil, disse em Bona o funcionário da UNICEF em Mogadiscio, Ian Macleod.

A capacidade de transporte para distribuir os alimentos é muito reduzida, apesar de na base central de armazenamento de Mombaça existirem actualmente 350 toneladas de «Unimix», um alimento rico em proteínas que cozido e misturado com bolachas tem mil calorias por porção.

MOÇAMBIQUE

Renamo destruiu em Moçambique 140 das 282 escolas primárias da província de Manica, desde 1980, anunciou na cidade de Chimoio um porta-voz do Ministério da Educação.

No mesmo período, pelo menos 17 professores foram mortos e outros 27 raptados pela guerrilha de Afonso Dhlakama na mesma província, segundo as mais recentes estatísticas das autoridades escolares da região.

Em Manica existem actualmente 182 escolas, 10 das quais de construção recente e cuja criação ficou a dever-se à iniciativa pessoal da população, em áreas do interior da província onde antes não existiam estabelecimentos escolares ou foram destruídos pela Renamo.

Afeganistão

Milhares de mortos em Cabul

Há mais de duas semanas que Cabul vive uma situação particularmente dramática. As lutas entre as facções rivais pela posse do poder estão a provocar os piores combates que a capital afegã sofreu ao longo da guerra civil que vem a devastar o país. O bairro do mercado e os arredores sul de Cabul são alvo de pilhagem e centro de ataques armados por parte do mais radical dos grupos islâmicos — o Herzb-I-Islami de Gulbuddin Hekmatyar — outrora particularmente apoiado pelos governos das potências ocidentais.

Actualmente procede-se à acelerada evacuação dos diplomatas estrangeiros e a própria ONU abandona instalações (afirmando entretanto Butros Ghali que as Nações Unidas manterão a sua presença no país), enquanto o actual governo islâmico exige a entrega do antigo presidente Najibullah, no refúgio nas instalações da ONU.

Nestas duas últimas semanas contam-se já milhares de mortos (o balanço é de 1800 ao cabo de 13 dias de combates entre as facções armadas), na sua maioria mulheres e crianças, segundo informação do representante pessoal do secretário-geral das Nações Unidas, Sotirios Mousouris.

O responsável da ONU informou ainda que milhares de outras pessoas, feridas em confrontos entre as forças governamentais e os combatentes da Hezb-I-Islami, esperam tratamento clínico nos hospitais, enquanto a penúria em equipamentos médicos faz temer o aparecimento de epidemias.

Os poucos médicos disponíveis nos hospitais de Cabul estão impossibilitados de criar serviços de urgência médica e cirúrgica devido à falta de electricidade, de água e medicamentos, disse Mousouris.

A tragédia que actualmente se vive em Cabul teve o seu início em 30 de Abril, em vésperas da transferência de poder do governo do antigo presidente Najibullah para representantes de um Conselho interino constituído por dirigentes dos grupos rebeldes islâmicos baseados em Peshawar. Hoje como grupos rebeldes islâmicos baseados em Peshawar. Hoje como estão o poder real encontra-se nas mãos de Ahmed Shah Massoud, do Jamiat-I-Islami, chefe tadjique que meses antes tinha

estabelecido um cessar-fogo de facto no Norte do país, com as autoridades de então. A seu lado, conta-se o chefe uzbeque Abdul Rachid Dostam, que também tinha estabelecido um acordo com o anterior governo afegão. A estas forças somam-se grande parte do exército, nomeadamente a aviação. Alguns generais juntaram-se às forças de Hekmatyar, cuja exigência fundamental é a expulsão de todos os comunistas e outras forças que consideram estar-lhe ligadas.

Durante toda a guerra do Afeganistão, as rivalidades entre os diferentes bandos rebeldes deram lugar a sangrentos confrontos e «ajustes de contas». Sobrepondo-se aos conflitos étnicos entre pachouns, maioritários e as tribus minoritárias, afirmam-se os conflitos no plano religioso, que opõem sunitas e chiitas minoritários.

Os primeiros são essencialmente apoiados pelo Paquistão e os outros pelo Irão. Na verdade estes dois países, onde ainda se encontram milhares de refugiados, não abandonaram as suas ambições em relação ao Afeganistão. Também a Arábia Saudita conta com milícias no país, que lhe estão ligadas.

Independentemente do grupo ou grupos que estejam no poder, a situação política no país é marcada por formas de poder profundamente retrógradas. Todas as facções são pela instauração da charia, considerada como «lei islâmica». Uma das primeiras medidas adoptadas pelas novas autoridades foi impor às mulheres a obrigação de usar o véu afegão, que cobre completamente o rosto. As mulheres que trabalhavam na função pública, nomeadamente em escolas e hospitais, foram despedidas.

Por ironia, o mais fanático dos grupos — o Hazb-I-Islami, que foi também o mais apoiado pelas potências ocidentais pela sua recusa de qualquer compromisso — contribui hoje para a criação de uma situação insustentável, levando mesmo os diplomatas (nomeadamente dessas potências ocidentais) a fugir do Afeganistão.

Nesta guerra de bandos em que a vítima fundamental é o povo afegão, o futuro parece, de momento, bem comprometido.

No tempo em que os detergentes falavam...

Francisco Costa

«Diz-se que seria bom que (os candidatos) tivessem acesso a um período gratuito, mas esquece-se que as televisões são empresas e que jamais dariam um período gratuito. Diz-se que se gasta muito dinheiro em anúncios políticos, mas isso é ridículo. Devíamos gastar quatro vezes mais dinheiro. Gastamos cem vezes mais em sabonetes e desodorizantes, e é por isso que as pessoas percebem tanto dessas coisas e não percebem nada de política.»

(Roger Ailes, Consultor para os media do Partido Republicano dos EUA - in «Meios de Persuasão», documentário, Primeira Página, RTP, Canal 1, 11.08.92)

Um exemplo... exemplar

A coisa conta-se em poucas linhas: em 1988, na campanha eleitoral para as Presidenciais dos EUA, os serviços da candidatura de **George Bush** levaram a cabo um violento ataque às propostas em matéria penal do seu adversário **Michael Dukakis**, candidato nomeado pelo Partido Democrata. Na realidade, na sua qualidade de Governador do Estado de Massachusetts, conhecido pela sua oposição à pena de morte, Dukakis fizera em tempos aprovar uma lei em que era permitido, em circunstâncias especiais, que homicidas em primeiro grau, sem direito a pena suspensa, pudessem gozar de licenças de fim-de-semana. Mas os especialistas em *pesquisa eleitoral* da candidatura Bush tinham averiguado que, de entre aqueles condenados, **268 haviam fugido** e que, um deles, **Willy Norton**, na fuga que empreendera numa das dez licenças que gozou durante a sua reclusão, raptara um casal de jovens, atingira mortalmente com 19 facadas o rapaz e violara repetidamente a companheira.

Não era este um caso isolado, já que outros se tinham verificado em outros estados, governados quer por republicanos quer por democratas. Mas o incidente veio mesmo a calhar para que o *staff* de Bush, na perspectiva de justificar a defesa da pena de morte e a proibição das licenças de fim-de-semana, produzisse um anúncio publicitário de 30 segundos, intitulado «**Dukakis face ao Crime!**», em que, feita a extrapolação do caso em abusivas generalizações, Dukakis era impiedosamente atacado.

A segura dos factos...

- Nas eleições de 1984, Ronald Reagan gastou 25 milhões de dólares em publicidade.
- 93% dos candidatos a eleições socorrem-se de um consultor para os media.
- Os consultores para os media facturaram 20 000 a 60 000 dólares, por mês.
- Os candidatos gastam metade do seu orçamento eleitoral em publicidade na TV.
- Lares onde se lêem jornais, nos EUA: - em 1970, 98%; - em 1990, 65%.
- Em média, uma campanha eleitoral produz 20 a 30 anúncios de TV.
- Transmitir um anúncio publicitário na TV: - na área de Nova Iorque, custa 30 000 dólares; - na área do South Dakota, custa 800 dólares.
- Nas eleições presidenciais de 1988,

- nos EUA, foram gastos 228 milhões de dólares na campanha política publicitária.
- Os custos das campanhas eleitorais dos vários candidatos, em 1988, totalizaram 2,7 biliões de dólares.
- Uma sondagem eleitoral nacional custa 30 000 dólares.
- 99% dos lares americanos têm um aparelho de TV.
- Número de estações de TV, nos EUA: - em 1970, 677; - em 1990, 1088.
- 60% dos americanos recebem informação apenas pela TV.
- Em 1988, votaram 91 milhões de americanos.
- Taxa de abstenção, 50% - a mais alta verificada nos EUA, em 64 anos. Nos últimos 30 anos, a televisão tornou-se gradualmente no principal meio de propagação dos políticos americanos.

Um exemplo da chamada **publicidade negativa**, uma das mais «eficazes» e tenebrosas armas na luta eleitoral nos EUA. Significativamente, o referido anúncio **não mencionava o nome de Willy Norton, nem tão-pouco mostrava o seu rosto**. Não era preciso. Nos serviços noticiosos das várias cadeias de televisão, o caso era abundantemente citado, o próprio **Bush** referia-se a ele com frequência nas suas intervenções, discursos e entrevistas, e a fotografia de **Willy Norton** aparecia várias vezes reproduzida nos noticiários, numa articulada associação iconográfica destinada «inocentemente» a produzir os resultados emocionais pretendidos. Ainda com este «pormenor»: **Willy Norton** era negro...

Começava aqui a curva descendente da popularidade e das sondagens do candidato do Partido Democrata. A candidatura de **Dukakis** ainda tentaria *in extremis* responder na mesma moeda, com outro anúncio do mesmo género em que semelhantes acusações eram devolvidas ao adversário. Tarde de mais. E, esclarecedor, o responsável pelas operações de «*pesquisa eleitoral*» do aparelho da candidatura de Bush (**Gary Malone**), colocando-se na pele do eleitor, concluiu lapidariamente:

«Que homem é esse que deixa os assassinos andar à solta? É o tipo de homem que não queremos para Presidente!»

Campanha eleitoral «made in USA»

Aquilo que acabo de vos relatar tenta resumir uma **sequência central e definitiva**, de cerca de três minutos, situada mais ou menos a meio de um notável documentário que o Canal 1 da RTP transmitiu na penúltima edição (11.08.92) do programa **Primeira Página**, e em que era analisado o papel da televisão e dos *media* nas campanhas eleitorais nos EUA.

As imagens e os sons dos **Telejornais** dos últimos tempos já nos haviam dado uma exuberante amostragem da política-espectáculo norte-americana, na cobertura televisiva das Convenções Democrata e Republicana; e também já tínhamos compreendido, pelo mesmo meio, que a recuperação do eleitorado nas sondagens e a necessidade premente de uma reviravolta vitoriosa pode justificar a agressão e a guerra levadas pelo **pólicia do Mundo** a uma qualquer longínqua paragem. Mas, apesar de tudo, estávamos longe de supor como, naquele país, os jogos com as emoções e as aparências se substituem ao debate das ideias e ao conhecimento e discussão dos programas.

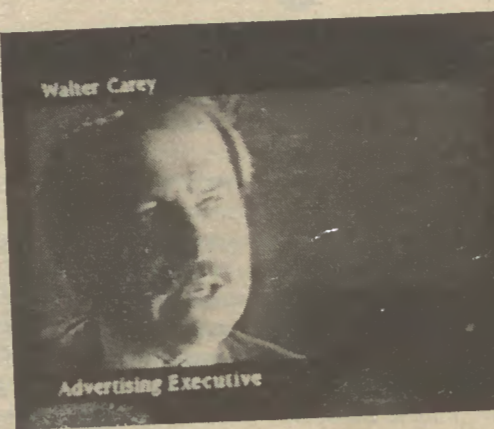
«**Meios de Persuasão**» (*), documentário produzido e realizado por uma equipa de televisão sueca para o **Channel 4** britânico, veio mais uma vez chamar-nos a atenção para este facto.

E não foi evidentemente ao acaso que o termo *persuasão* foi escolhido para título. Facultando-nos a preguiça de não cuidarmos excessivamente da investigação das origens etimológicas, os dicionários dizem-nos, na sua fria e ambivalente imparcialidade, que o substantivo, feminino, *persuasão*, corresponde ao «*acto ou efeito de persuadir*», à «*certeza, adquirida por demonstração*», à «*convicção*» ou à «*crença*»; e, também, que *persuasivo(a)* é aquilo, aquele ou aquela que tem a «*habilidade ou faculdade de persuadir*»; ou mesmo, ainda, que o verbo *persuadir* significa «*levar à persuasão, a crer*», «*convencer, induzir, aconselhar, fazer aceitar*», não descuidando entretanto de adiantar que, na sua forma reflexa, há também lugar para o significado «*formar juízo*».

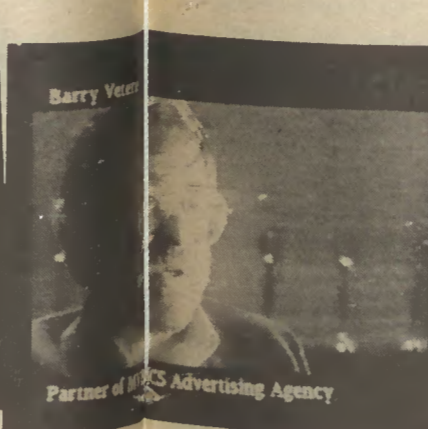
Quer dizer: perante significados por vezes de carácter tão dispar ou contrário, a conotação **positiva** ou **negativa** que atribuímos a uma palavra ou a uma expressão radical, acima de tudo, na nossa **apreciação ética ou moral** dos actos que essas palavras ou expressões pretendem descrever ou interpretar - na sua adequação ao nosso **ponto de vista** acerca desses mesmos actos.

Torna-se, assim, ainda mais interessante verificarmos que, no próprio enjeito de analisar o fenómeno particular que as campanhas eleitorais constituem no âmbito mais geral da, já de si tão específica, comunicação de massas nos EUA, o documentário transmitido pela RTP - dando-nos a ver os aspectos **positivos** e **negativos** dessas campanhas e da utilização desses meios de comunicação e não se arrogando estabelecer interpretações acerca do estatuto político de largas camadas da população desse imenso país - revela um assinalável e prudente espírito de abertura e compreensão face a mecanismos comumente aceites e aparentemente incontestados dessa realidade **concreta** e, ao mesmo tempo, não abdicada de uma inteligente e aguda capacidade de crítica e análise fora do comum.

Entre outrás razões porque, não pretendendo, por um lado, mostrar-se estúpida e mecanicamente insensível à incontornável «*sedução*», «*efeito de sinceridade*» e «*sentido de espectáculo*» que os americanos transmitem às várias expressões do quotidiano, o documentário é, por outro lado, implacável na denúncia do fundamental - os funestos mecanismos de manipulação da consciência e da opinião pública que esse generoso e admirável sentido de espectáculo nos piores casos faz esconder, quando não constituem, mesmo, a sua própria razão de ser.



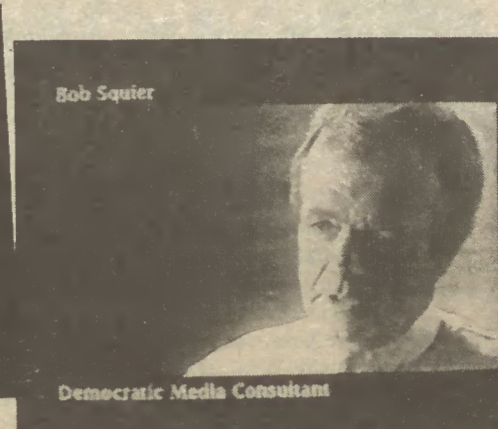
Walter Carey
Advertising Executive



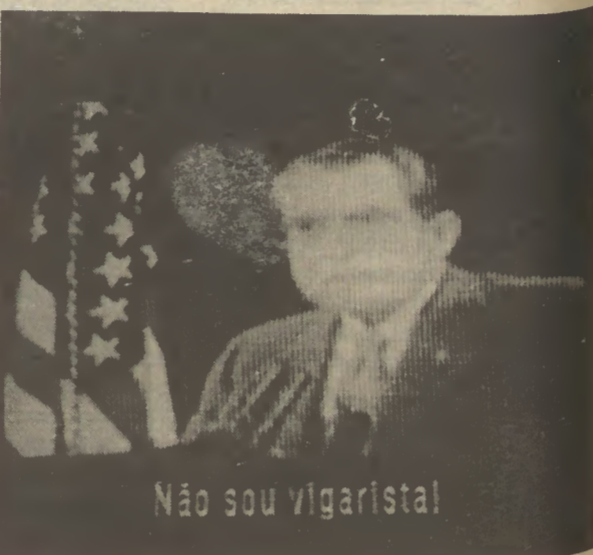
Barry Vetere
Partner of MVB Advertising Agency



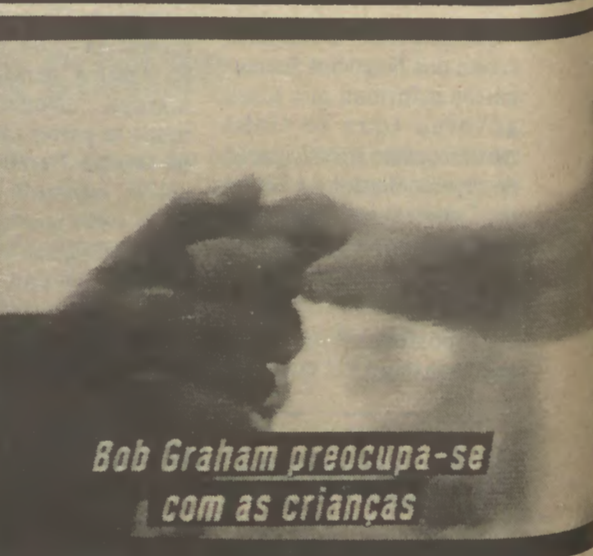
Roger Ailes
Republican Media Consultant



Bob Squier
Democratic Media Consultant



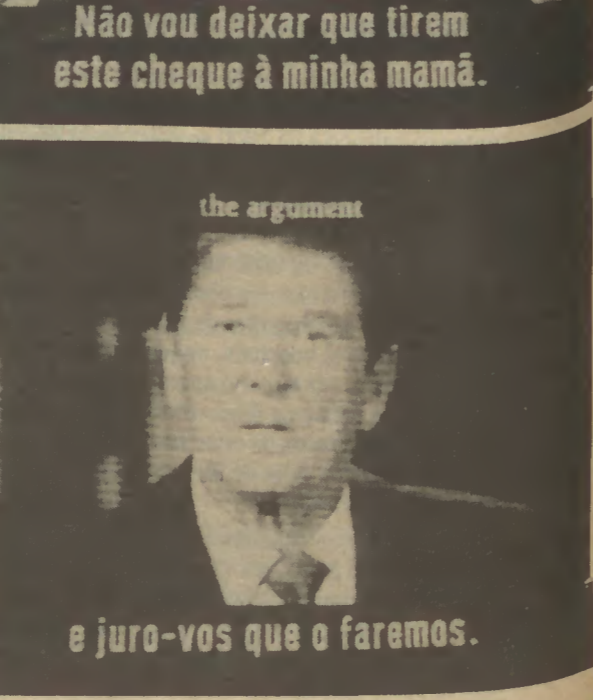
Não sou vulgarista



Bob Graham preocupa-se com as crianças



the argument



Não vou deixar que tirem este cheque à minha mamã.

the argument

e juro-vos que o faremos.

Os vários níveis de leitura

Fazendo uso de documentalistas extremamente competentes, a equipa de produção do documentário utiliza variadíssimos exemplos de **material de arquivo** (exercícios de campanhas eleitorais, debates, *spots* televisivos) para documentar abundantes entrevistas. Estas têm como protagonistas, sobretudo, os **consultores para os media** responsáveis pela estratégia televisiva das candidaturas das duas principais (e, para todos os efeitos, «*únicas*») forças políticas americanas - o **Partido Republicano** e o **Partido Democrata** - e, ainda, os respectivos realizadores,

produtores, escritores e criativos publicitários; mas, também, um representante da imprensa escrita, a quem o documentário faculta (sem grande êxito para aquele...) a possibilidade de desempenhar papel de *contrapoder* da poderosa *task force* televisiva.

E, significativamente, o documentário não esquece um **principal objecto de atenção** de todo este empreendimento, um **potencial presidente da mais poderosa nação do Mundo**, na circunstância um ex-candidato a esse alto cargo - **Michael Dukakis**.

É este um primeiro nível de leitura do documentário.

A boca do espanto...

«Não há uma verdadeira diferença de estratégia entre vender o Presidente dos EUA, um automóvel ou um sabonete.»

(Walter Carey, Executivo Publicitário, da campanha do Partido Republicano)

«Depois do Vietname e do Watergate, o povo deixou de confiar nos líderes políticos e no seu futuro. **Ronald Reagan** constituiu, talvez, uma excepção, pois, nestes últimos 20 ou 25 anos, foi o único que ultrapassou isto, e houve um período, no início dos anos 80, em que a nossa cultura voltou a erguer a cabeça.»

(Paul Taylor, jornalista político do «Washington Post»)

«Numa eleição, há diversos factores em jogo e muitos deles têm a ver com vender sabão: é o vender de uma sensação, de um estado de espírito, de uma pessoa, de uma ideia. E, depois, há os meios a que recorremos, que podem ser uma banda de música a descer uma rua principal, com um letrero qualquer, e uma pessoa a beijar bebês. Ou, então, um anúncio que reflecte o que os políticos julgam que os eleitores desejam ou pensam do candidato.»

(Tom Messner, escritor, produtor, sócio da Agência MVBBS, membro do «Tuesday Team», encarregado das campanhas publicitárias do Partido Republicano)

«A única diferença é que, nos anúncios aos produtos (cigarros, sopas, automóveis), estamos continuamente a pedir às pessoas que comprem o produto, enquanto que, na política, só pedimos uma vez que comprem o produto.»

(Walter Carey)

«O slogan mais memorável de 1988 foi ouvir George Bush dizer: «**Leiam nos meus lábios: não haverá novos impostos!**». O «Washington Post» fazia sondagens diárias e, dois dias depois desse anúncio, sete em cada dez americanos admitiam que não acreditavam naquilo. Portanto, temos eleitores que foram condicionados no sentido de já esperarem ser aldrabados. Se elegemos os aldrabões, como é que podemos esperar ter um diálogo inteligente?»

(Paul Taylor)

«Houve muita gente que me disse que estive no meu melhor nas últimas três/quatro semanas da campanha. Foi nessa altura que arranjei, pela primeira vez, um caracterizador. (...) Não sei se é preciso ter andado numa escola de teatro para ser Presidente dos EUA. Espero que não.»

(Michael Dukakis, candidato nomeado pelo Partido Democrata, nas eleições presidenciais de 1988)

«Na política, defendo a teoria do «fosso da orquestra», que é a seguinte: temos dois tipos no palco: um deles diz que consegue resolver os problemas do Médio Oriente; o outro levanta-se, prepara-se para falar, e cai no fosso da orquestra. Quem acha que vai aparecer nas notícias? Obviamente é o tipo que caiu no fosso.»

(Roger Ailes, consultor para os media do Partido Republicano. Ex-produtor de *talkshows* na TV norte-americana.)

«Esta actividade é como um «jogo de guerra» electrónico muito sério, em que eu estou sentado a uma mesa de mistura, enquanto o Roger (Ailes) está sentado a outra; e disputamos esta espécie de «jogo de guerra» em nome dos nossos clientes.»

(Bob Squier, consultor para os media do Partido Democrata. Ex-realizador de documentários.)

«Gary Hart, Joe Biden e outros desistiram da corrida muito antes de ela chegar aos eleitores, sobretudo em consequência de trabalhos jornalísticos que exploravam as suas falhas de carácter, para depois as ampliar a uma escala rocambolesca, em que os candidatos não podiam sobreviver. (...) Fui eu (*sic*) que perguntei ao Gary Hart (numa conferência de imprensa) se nunca tinha cometido adultério, nos últimos dias da sua fracassada campanha. Alguém com a reputação dele, a argumentar com o seu passado limpo, estava mesmo a pedir que lhe perguntassem que passado tinha sido esse. E foi isso que eu fiz.»

(Paul Taylor)

«Reparámos que **Ellie**, a mais pequena dos netos (de Bush), era uma fervorosa admiradora do avô. E decidimos, simplesmente, deixar Ellie agir... Não lhe dissemos nada, e ela correu para ele, abraçou-o e beijou-o. (...) Incluímos aquela cena três vezes, o que pode parecer forçado, mas funcionava sempre como um gesto de amor. Ellie queria sempre que o avô pegasse nela. Não havia ali qualquer truque (*sic*). E, se pode parecer lamechas, foi isso que comprámos. Temos um Presidente lamechas... Mas eu compraria esse produto em qualquer altura!»

(Barry Vetere, realizador, sócio da Agência MVBBS, membro do «Tuesday Team»)

«A maioria dos americanos são trabalhadores, que vêem a TV como uma forma de descontração. Querem chegar a casa e poder rir-se, querem ver *soap operas*, querem estender os pés e ver futebol, sem terem que se preocupar com as coisas da vida. E apenas os pedantes ou os intelectuais se ralam com o facto de essas pessoas serem entretidas com o menor denominador comum.»

(Roger Ailes)

«A *Visão*», etc.), os autores situam os vários problemas envolvidos; e inserem, como reforço ou contraposição, em **quadros neutros a preto e branco**, dados e informações (ver *Caixa*) que, na sua aparente segura, revelam mais acerca da realidade social, económica, política e cultural envolvente do que o faria o mais desenvolvido e pleonástico texto *off*.

Mas o documentário faz mais, e ainda melhor.

Os mecanismos da «distanciação»

O verdadeiro achado em toda a organização fílmica de «**Meios de Persuasão**» é-nos dado pela forma como os documentos de arquivo e os entrevistados não são mostrados, na montagem final - um decisivo **terceiro nível de leitura** do documentário. E naturalmente que este achado só pode ter tido origem no **trabalho de campo**, típico do grande documentarismo de investigação, **prévio à sua própria rodagem**, no inquérito exploratório com os vários protagonistas, já indiciador do tipo de declarações que viriam a ser produzidas, filmadas e aproveitadas na montagem (malguns casos, uma verdadeira colecção de «*normidades*» como raramente se terão visto e ouvido, com tal candura e convicção, serem pronunciadas - ver *alguns exemplos, em caixa*).

E aqui coube ao realizador do documentário uma decisão (técnica, mas também ideológica) brilhante e a todos os títulos notável, ao nível da utilização das *máquinas* e dos *suportes* (materiais) de captação e reprodução da imagem:

- os entrevistados, digamos que um pouco à maneira da estética publicitária do programa «**Mil Imagens**», recentemente transmitido pela RTP, eram apresentados irrepreensivelmente maquilhados, cuidadosamente filmados a **cores** e em grande plano, no formato *scape* com duas tarjas negras no topo e na base do «quadro» e iluminados com os «*rigores*» do artifício, típicos da fotografia de publicidade - como se de detergentes, sabonetes, chocolates ou champôs se tratasse;

- paralelamente, as próprias entrevistas, a equipa que as realizava e o ambiente físico da rodagem, eram-nos dados a ver como e «do lado de fora», a **preto e branco**, através de uma câmara manipulada à mão, ao mesmo nível do **preto e branco** do restante material fílmico que documentava as manobras de «*pesquisa eleitoral*», os bastidores das agências de publicidade e os técnicos encarregados da manipulação técnica das imagens e dos sons dos anúncios publicitários das campanhas eleitorais.

Também aqui, uma outra forma original e eficaz de «*tomar partido*», mas levando à prática, na arte do documentarismo televisivo, os mecanismos da «*distanciação*».

Uma forma de alertar e prevenir contra a cada vez mais generalizada utilização de «*conceitos*» e «*princípios*» que tendem a privilegiar o repisar de frações feitas, ocas e sem conteúdo, envol-



Deus abençoe os EUA!

os autores não se refugiam na falsa e hipócrita postura «*independente*» de fingir que não têm opinião e que esta deve nascer, no espectador, exclusivamente a partir da contemplação virginal dos argumentos avançados pelos entrevistados. Pelo contrário, através da organização do documentário a partir dos seus vários **personagens ou pistas temáticas** (ex.: «*O Consultor*», «*O Candidato*», «*O Jornalista*», «*O Processo*», «*O Ataque*»,

«*Meios de Persuasão*»
Produção - Felicia Sugarman
Assist. Produção - Bill Eldred
Música - Philip Glass
Realização - Måns Angantyr
Para o Channel 4

(*) «*Meios de Persuasão*»
Produção - Felicia Sugarman
Assist. Produção - Bill Eldred
Música - Philip Glass
Realização - Måns Angantyr
Para o Channel 4

Breve viagem pela história da Hungria

■ Miguel Urbano Rodrigues

Para se formar uma opinião responsável sobre o presente de um país é indispensável o conhecimento mínimo do passado do povo que nele vive. Neste texto, o autor, que revisitou recentemente Budapeste (e transmitiu aos leitores do «Avante!» as suas impressões da transição para o capitalismo, ali em curso) faz uma breve viagem pela história da Hungria.

O propósito não é académico. A Hungria nasceu da fixação, em condições excepcionais, de um povo de nómadas asiáticos no centro da Europa. Essas tribos criaram no ano 896 um Estado que conseguiu sobreviver entre comunidades eslavas, germânicas e latinas. A caminhada da nação húngara desenvolveu-se, como capítulo importante, épico e trágico, na história da humanidade.

São ainda obscuras as origens dos antepassados do povo húngaro. Os historiadores divergem quanto ao início da primeira grande migração que conduziu as tribos fino-ugrias das estepes, onde levavam uma existência nómada, num território de fronteiras indefinidas que ia do Volga ao Ural e do Cáspio ao mar de Aral. A partir do século V da nossa era, uma parte dessas tribos, já então estabelecidas no Baixo Dnieper, iniciou, empurrada por outros invasores, uma lenta caminhada que, após muitas etapas, a levaria à bacia dos Cárpatos e à Grande Planura do Danúbio. Outro segmento da mesma comunidade rumou ao noroeste, acabando por se constituir em núcleo básico das nações estoniana e finlandesa.

A palavra Hungria deriva de onogures, designação pela qual eram conhecidos no Império Romano do Oriente as oito tribos que, no final do século IX, se fixaram na região que seria a sua pátria definitiva. Uma dessas tribos, a Megyer, deu o nome ao povo. A palavra magiar tornou-se sinónimo de húngaro.

O estabelecimento no centro da Europa desse povo não indo-europeu, que se expressava num idioma aglutinante aparentado com os do grupo turco-mongol, foi acontecimento que viria a marcar profundamente o desenvolvimento da história do continente.

Ao instalarem-se na antiga Panónia romana, os húngaros encontraram um território devastado por sucessivas invasões — dos hunos aos ávaros. Entre as populações submetidas pelos conquistadores magiares predominavam, a Norte e a Sul, comunidades eslavas ainda em estado tribal, e a sudeste, na Transilvânia, descendentes dos dácio-getas romanizados. Os magiares não se fundiram com esses povos; a diferenciação de culturas persistiu e as sequelas dessa situação constituíram permanente factor de tensões na evolução da conjuntura balcânica. Ainda pesam, e muito.

A cavalaria húngara foi, durante cinquenta anos, o flagelo das monarquias europeias. Antes de se sedentarizarem, os magiares percorreram a Europa, em aventuras guerreiras, do Reno ao Adriático, do Ródano ao mar Negro. Finalmente, formaram no médio Danúbio um Estado que em meados do século XIII era dos mais estáveis da Europa feudal.

Mongóis e turcos

O Estado húngaro, ao iniciar a reconstrução do país, chamou colonos estrangeiros para trabalharem as terras abandonadas. Acentuou-se a coexistência, nas mesmas regiões, de povos muitos diferentes.

Recuperada, a Hungria foi, ao longo do século XV, não apenas a mais poderosa potência militar da Europa Central como também um pólo da cultura renascentista, sobretudo na época do rei Matias Hunyadi. A derrota infligida aos turcos em Belgrado, pelo seu pai, Janos Hunyadi, em 1456, após a queda de Constantinopla, retardou quase um século a expansão otomana na Europa.

Posteriormente, envolvida em querelas dinásticas e feudais com os príncipes dos países vizinhos, o reino húngaro acabou por se afundar. Quando o sultão Solimão, «o Magnífico», ocupou Pest e Buda em meados do século XVI, a Hungria perdeu a independência. Somente a parte Ocidental escapou à dominação otomana, tornando-se parte da Áustria dos Habsburgos.

Transcorridos 150 anos, quando os turcos foram definitivamente expulsos do país, voltou a ser necessário repovoar muitas regiões. Quase metade da população fora exterminada durante a ocupação otomana. Entraram mais eslavos, mais romenos, mais alemães.

A Hungria permaneceu unida à Áustria, mas numa relação de dependência. No início do século XIX, um punhado de grandes famílias, possuidoras de enormes latifúndios, continuava a opor-se a quaisquer reformas. Quando a Revolução de 1848, que varria a Europa, abalou o país, a sociedade húngara era em todo o Ocidente aquela onde as estruturas

feudais, sobretudo no campo, resistiam mais tenazmente aos ventos de mudança. O latim era ainda a língua oficial. No exército não se podia usar o idioma húngaro; imperava o alemão. Foi, aliás, o sentimento nacionalista que levou o povo húngaro à insurreição. Viena teve de pedir a ajuda do czar e foram as tropas russas que esmagaram a revolução.

O rescaldo ficou assinalado por uma repressão feroz. Anos depois, quando a corte austríaca tomou a decisão de proceder a reformas institucionais e fazer da Hungria um parceiro teoricamente com direitos iguais, o império dos Habsburgos era já o grande doente da Europa. O Reino da Hungria representava então mais de metade da superfície e da população do Império. Era, porém, uma construção artificial. Com uma área quatro vezes superior à de Portugal, os húngaros eram nela minoritários. Dominavam a Coácia, a Eslováquia, regiões da Sérvia, a Transilvânia, cujas populações, predominantemente de outras nacionalidades, olhavam os magiares como estrangeiros.

Aliada do III Reich

Na guerra de 1914-18, a Hungria ficou do lado dos vencidos. Quase quatro milhões de húngaros foram separados da nova Hungria, cujas fronteiras, após a derrota da República dos Conselhos, foram impostas pela França, no Tratado de Trianon.

Hoje, transcorridos mais de 70 anos, o tema das minorias húngaras nos países vizinhos continua a ser a grande arma da direita na sua propaganda eleitoral. Na Roménia, vivem aproximadamente dois milhões de húngaros, quase todos concentrados na Transilvânia, na Eslováquia mais de 600 000, meio milhão na Sérvia, sobretudo na Voivodina, quase 200 000 na Ucrânia subcarpática.

Na Hungria, a comunidade judaica, antes numerosa, foi entregue aos alemães durante a guerra e, depois, maciçamente exterminada. Somente existe hoje uma minoria significativa: uns 500 000 ciganos que continuam a receber o tratamento de cidadãos de segunda classe.

O revanchismo foi, naturalmente, o motor da política dos governos da direita entre as duas guerras. O sonho da recuperação das províncias perdidas envenenou duas gerações. Hitler soube explorar esse sentimento. Entregou à Hungria de Horthy, sua aliada, pequenas parcelas da Transilvânia, do Banato, da Voivodina e da região leste da Eslováquia. O preço dessa aliança foi trágico. Meio milhão de húngaros morreram nos campos de batalha da União Soviética.

Quando a guerra se aproximava do fim, a Hungria foi o único país no sudeste da Europa onde a resistência aos alemães não assumiu feição insurreccional contra os governos que os apoiavam. Ocorreu o contrário: o Partido da Cruz Suástica húngaro tornou o poder em 1944 e manteve o seu país como o último aliado do Reich nazi até se calarem os canhões.

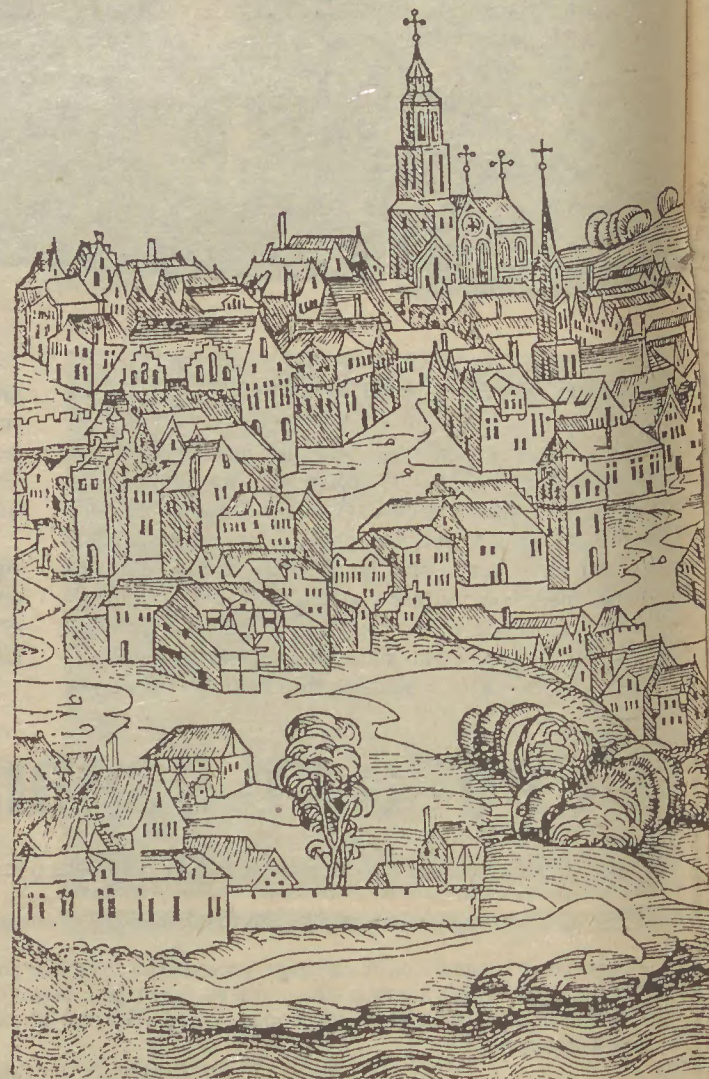
O Tratado de Paris, assinado em 1947, restabeleceu as fronteiras de 1938 e obrigou a Hungria a pagar indemnizações no valor de 300 milhões de dólares, quantia enorme para a época num país arruinado.

Uma agricultura avançada

A reconstrução começou outra vez a partir da estaca zero. Nas primeiras eleições, a Frente da Independência, coligação de quatro partidos, alcançou a maioria absoluta. A baixa percentagem obtida pelos comunistas nessa aliança (22%) reflectiu, porém, a influência que a grande burguesia continuava a exercer no país. As reminiscências feudais não haviam sido eliminadas no campo húngaro, onde as melhores terras pertenciam ainda às velhas famílias da aristocracia. Foi necessário um período de transição. O novo partido marxista, o Partido dos Trabalhadores Húngaros, resultou da fusão do antigo Partido Comunista e do Partido Social-Democrata. Na prática provou ser uma construção artificial. O regime socialista somente se consolidou institucionalmente após as eleições de 1949 que deram uma vitória indiscutível a uma Frente Popular dirigida pelo Partido dos Trabalhadores.

Mas é útil sublinhar que, de todos os países do leste europeu, a Hungria foi aquele onde a implantação do socialismo esbarrou com maiores dificuldades desde o início. Mais ainda do que na Checoslováquia, onde o desenvolvimento capitalista tivera inegável êxito quando o país se constituiu como Estado independente após o desmembramento do império austro-húngaro.

Na Hungria, a socialização dos meios de produção afec-



tou muito superficialmente as superestruturas culturais. A burguesia perdeu o poder, mas não desapareceu como classe social e a sua mundividência continuou a influenciar a mentalidade das novas gerações. A explosão contra-revolucionária de 1956 confirmou o óbvio ao conquistar um amplo apoio de massas. Ficou transparente que a implantação do socialismo não teria sido possível se a Hungria não houvesse sido libertada pelo exército soviético, o que determinou a sua permanência na zona de influência atribuída em Yalta à URSS. Os acontecimentos trágicos de 1956 demonstraram também que o Partido dos Trabalhadores se afastara do povo e o seu funcionamento era incompatível com a teoria e a prática da democracia socialista. Foi no rescaldo da derrota da contra-revolução que surgiu numa sociedade dividida o Partido Operário Socialista Húngaro — POSH.

Entretanto, apesar de o quadro histórico e social em que se implantou o regime socialista ter sido muito desfavorável, a Hungria tornou-se cenário de grandes mudanças positivas. Todos os vestígios feudais foram eliminados. O arcaico mundo rural, finalmente, modernizou-se.

Uma reforma agrária radical permitiu criar uma das agriculturas mais avançadas do mundo. Em visitas que fiz a cooperativas, em 1980 e 1982, tive a oportunidade de comprovar a profundidade da revolução agrária. No Combinado de Bálbona percorri com espanto as instalações de uma maternidade para porcos onde os leitões nasciam por cesariana e passavam as primeiras semanas em estufas, alimentados a biberão. Tive ali a antevisão da agro-pecuária do século XXI. Com 10,5 milhões de habitantes e uma superfície quase igual à de Portugal, a Hungria produziu, em 1989, 6,5 milhões de toneladas de trigo, 7 milhões de toneladas de milho, 5,5 milhões de toneladas de beterraba sacarina. No tocante a cereais, a Hungria socialista estava a produzir um volume dez a quinze vezes superior ao da nossa agricultura.

O ataque à Reforma Agrária

É precisamente essa obra — aquilo que o socialismo fez de melhor — que o actual governo do Forum Democrático se esforça por destruir. A queda da produção agrícola nos últimos dois anos foi brutal. A CEE, preocupada com os seus exdentes agrícolas, não está minimamente interessada na existência de uma agricultura competitiva na Hungria. O Governo do Forum faz-lhe o jogo, tomando medidas que visam a destruição do sector mais avançado da economia húngara.

A «lei sobre as cooperativas», aprovada pela Assembleia Nacional, estabelece a obrigatoriedade da transformação do sector produtivo até 31 de Dezembro do ano corrente. Nada

menos de 1341 cooperativas geriam 71% das terras cultivadas (dos restantes 29%, quase 15% eram herdades do Estado e 14% parcelas individuais).

Segundo as disposições transitórias, os ex-membros das unidades produtivas e os seus herdeiros podem exigir a sua parte do património colectivo e vendê-la. A lei é tão cheia de alcapões que são muitas e contraditórias as interpretações que dela fazem os juristas e políticos. Existe também legislação relativa a indemnizações aos herdeiros dos proprietários dos antigos latifúndios. A única coisa clara é o propósito de destruir o tipo de propriedade e o modo de produção criados pela Reforma Agrária.

O sistema de bónus instituído abre a porta a negociatas nada limpas. Muitos dos herdeiros que reivindicam quintas preferem os bónus às terras. Na posse desses papéis com valor de dinheiro, logo trocam a propriedade por uma casa ou um automóvel, consoante o valor.

Muitos camponeses, vendidos os tractores, voltam a lavar as suas courelas com charruas puxadas por cavalos. Um regresso melancólico ao passado...

Assisti a manifestações de descontentamento popular junto do Parlamento durante a reunião em Budapeste do Conselho da Europa. Os participantes não eram comunistas. Apenas gente conservadora, indignada com a política agrícola do governo. Os adubos e outros factores de produção custam agora o triplo ou o quádruplo, mas os preços dos produtos agrícolas quase não subiram.

Falei com alguns desses manifestantes. O protesto não tinha cariz ideológico. Mas iam dizendo, em jeito de desabafo: «Antes, a nossa vida era mais fácil!»

A impopularidade do governo do Forum (164 deputados em 386) não escapa nem aos visitantes estrangeiros. A maioria que o mantém no poder é assegurada pela aliança com o Partido dos Pequenos Proprietários (44 cadeiras) e com os Democratas Cristãos (21). A oposição liberal (Democratas Livres com 92 lugares e Jovens Democratas com 21) acredita



que poderá obter a maioria nas eleições de 1994. Mas, no momento, as previsões são gratuitas porque tudo é instável e moveído na sociedade húngara. As realidades concretas são o desemprego, a inflação, os baixos salários, a carestia, a falta de perspectivas resultante do vazio criado por mudanças caóticas. A ruptura com o sistema não foi compensada pela implantação de um sistema alternativo com um mínimo de organização e funcionalidade.

O Partido Socialista — designação adoptada pelo anterior partido marxista-leninista (só oficialmente) que dirigia o Estado — perdeu toda a credibilidade. Foi ele que concebeu e orientou o Processo de Liquidação do Estado Socialista. Al-

guns dos seus dirigentes mais destacados idearam uma estratégia que pretendia fazer do herdeiro do POSH (um outro programa e ideologia) o beneficiário da transição, mantendo-se no poder. A resposta da história matou essa esperança. O PS húngaro conseguiu eleger apenas 33 deputados. Deixará memória como o coveiro do socialismo na Hungria. Não tentou corrigir erros do socialismo (que eram muitos e graves); apenas favoreceu a implantação do capitalismo selvagem.

*
* *

E o que foi feito dos comunistas autênticos da Hungria — perguntará o leitor? Onde estão e o que fazem?

Existem e dão força de evidência à palavra de ordem a luta continua. Repudiaram a transformação caricatural do POSH em organização social-democrata. Resistem.

Recriaram o Partido Operário Socialista Húngaro, ou antes, dão-lhe continuidade. Estive na sua modesta sede, o quarto andar de um prédio comum, longe do centro de Budapeste. Falei ali com o camarada Gyula Thurmer, o jovem presidente do partido. Hoje, eles são ainda poucos — apenas 30 000 inscritos — mas inspiram respeito pelo seu comportamento revolucionário. Nas próximas eleições apresentar-se-ão às urnas e esperam ultrapassar o tecto mínimo (4%) que, de acordo com a lei, permite a representação parlamentar. Um bom índice: numa eleição municipal recente, candidatos independentes que foram apoiados pelo POSH obtiveram excelentes resultados.

Pela sua firmeza, combatividade e coerência ideológica, o PSOH, herdeiro de uma heróica tradição revolucionária, vem reforçar a certeza de que no desenvolvimento da História os partidos comunistas vão renascer nos próprios países onde o socialismo foi destruído.

O papel da França na derrota da República dos Conselhos

No Verão de 1918, quando o Império dos Habsburgos principiava a apresentar sintomas de desagregação, o movimento revolucionário desenvolveu-se na Hungria com muita rapidez.

Em Budapeste, as massas, saindo à rua, exigiram a ruptura com a Áustria e a proclamação da independência. A polícia e o exército, depois de alguma hesitação, aderiram à chamada Revolução dos Crisântemos, a flor que os soldados colocavam no lugar das insígnias imperiais.

Assustada, a burguesia húngara procurou neutralizar o ímpeto revolucionário, assumindo o controlo do movimento. Finda a guerra, foi proclamada a República, mas o povo exigia mais. Quando os prisioneiros de guerra começaram a chegar, da Rússia, comunistas, social-democratas e socialistas revolucionários decidiram criar o Partido Comunista da Hungria a 24 de Novembro. A data ficou a assinalar o início de uma das experiências revolucionárias mais importantes, menos conhecidas e mais caluniadas desse período.

O PCH, cujo dirigente mais destacado era Bela Kun, pronunciou-se pela liquidação do capitalismo e imediata instauração da ditadura do proletariado.

Para a historiografia tradicional do Ocidente, a Revolução dos Conselhos foi desde o começo um desafio irresponsável. Mas os factos, sem os quais acontecimentos que vieram a modelar o novo mapa da Europa Central não podem ser compreendidos, foram sistematicamente ocultados ou deturpados.

O labéu de esquerdistas colado aos revolucionários húngaros de 1910 pretendeu descreditar Bela Kun e os seus companheiros.

Cabe perguntar o que era ser esquerdistas no final da segunda guerra mundial quando os vencedores da Alemanha (e da Áustria) organizavam apressadamente a cruzada da Entente contra a Rússia soviética. Porventura não foram também acusados de esquerdistas e irresponsáveis os *communards* franceses de 1871?

Transcorridos três quartos de século, quando se procede a uma análise serena dos acontecimentos daqueles dias, a Hungria aparece sobretudo como um laboratório sem paralelo da revolução e da contra-revolução no coração da Europa.

É óbvio que os Conselhos de Operários e Soldados húngaros radicalizaram a sua luta até aos limites do possível, numa sociedade despreparada para uma revolução socialista. Mas que alternativa lhes deixava a França de Clemenceau, empenhada em erradicar do continente «as raízes do comunismo»?

Era praticamente inevitável que no contexto do pós-guerra, num Estado que se desagregava, os revolucionários húngaros olhassem para a Rússia e se inspirassem na ideologia e na prática do partido de Lénine. Terão sido excessivamente românticos, mas agiram com menos sectarismo do que muitos políticos contemporâneos da burguesia europeia. É significativo que o desejo da unidade da esquerda tenha levado comunistas e sociais democratas a fundirem os dois partidos para criarem o Partido Socialista da Hungria. A proclamação da República dos Conselhos não teria sido possível sem essa aliança. Era a versão húngara da República dos Soviéticos na Rússia.

A Revolução burguesa dos Crisântemos tornou-se socialista sem luta armada. A classe operária foi débil. Permaneceu no terreno das palavras.

Os Conselhos foram instalados em todo o país e, pela primeira vez, milhões de húngaros exerceram o direito de voto. As indústrias estratégicas, os transportes, as minas, os bancos, os seguros, os hotéis, as empresas imobiliárias, as escolas particulares e os latifúndios foram nacionalizados. O Conselho do Governo revolucionário reduziu as rendas de casa, aumentou os salários e ampliou os benefícios da Previdência Social, revogando todas as leis que discriminavam a mulher.

O Ocidente — outra evidência que não pode ser negada — respondeu com a guerra à Revolução húngara dos Conselhos. Inicialmente houve hesitações da parte da Inglaterra. Não porque Londres respeitasse os revolucionários húngaros. Apenas porque o Governo de Sua Majestade Britânica estava apreensivo com a política de hegemonia desenvolvida pela França na Europa Central. O exército francês fora o instrumento militar decisivo na derrota alemã e austríaca. E o controlo das forças armadas aliadas nos Balcãs estava nas mãos do general Franchet d'Esperey, que tinha sob o seu comando su-

premo, além das divisões francesas, as tropas romenas e sérvias. Na Polónia, outro general francês, Weygand, elaborava a estratégia que levaria o Exército Vermelho russo a retirar-se, depois de perder a batalha de Varsóvia.

O governo inglês aceitou o apelo da República dos Conselhos para discutir um tratado de paz com a jovem República Húngara. O negociador — que representava também a França e os EUA — foi Jan Smuts, um oficial do exército imperial britânico, que viria a ser Primeiro-Ministro da África do Sul.

Mas o diálogo foi uma farsa, como o próprio Smuts revelou mais tarde. Enquanto o negociador discutia em Budapeste com os representantes da Hungria, o estado-maior francês já aprovara os planos de uma ofensiva conjugada contra a República dos Conselhos. No dia 16 de Abril, os romenos desfecharam o primeiro ataque e no dia 1 de Maio o território húngaro foi invadido por forças francesas, italianas, romenas, sérvias e checas. Entretanto, Clemenceau declarava em Paris que a França não aceitaria em hipótese alguma a presença na Europa Central de um regime socialista.

A República dos Conselhos estava condenada. Mas a sua resistência deixou memória. O exército vermelho húngaro foi organizado em tempo brevíssimo. Os oficiais e soldados da Revolução bateram-se com tanta coragem que a ofensiva aliada foi contida em várias frentes. O contra-ataque húngaro permitiu inclusive a instalação, a Norte, da República Eslovaca dos Conselhos. Clemenceau, apreensivo, prometeu a retirada do exército romeno dos territórios que ocupava se os húngaros aceitassem o cessar-fogo na frente checa.

Paris apenas pretendia ganhar tempo. Entretanto, na cidade húngara de Makó, ocupada pelos franceses, Franchet d'Esperey instalava um governo-fantochado de extrema-direita, sob a presidência do conde Gyula Karolyi. O ministro da Guerra escolhido foi o almirante Miklos Horthy — o futuro ditador da Hungria fascista — que logo trasladou o seu estado-maior para Szeged, também sob ocupação do exército francês.

A situação era insustentável. Isolada sem contacto directo com a Rússia Revolu-

cionária, a República dos Conselhos não podia sobreviver. Na Baviera e na Eslováquia, a contra-revolução impunha-se. No dia 4 de Agosto, o exército romeno ocupou Budapeste. Era o fim da República dos Conselhos. Durou exactamente 133 dias. As marcas que deixou na história foram, porém, fundas. O historiador Zsuzsa Nagy, que não é um marxista, escreveu, sobre esse período estas palavras: «A esperança de ver a revolução expandir-se rapidamente não tinha bases e a ditadura do proletariado não conseguiu manter-se num pequeno país como a Hungria, no mais completo isolamento. As tentativas empreendidas em 1918-19 para resolver, no quadro de uma democracia burguesa, e, depois, de uma democracia socialista, os problemas sociais e nacionais da Hungria e desta região da Europa foram portanto, um malogro. No entanto, a recordação e a experiência dessas revoluções permaneceram tão vivas durante o período que separou as duas guerras como as consequências da desagregação da Hungria histórica». (1)

É de registar que Lénine, quando o exército vermelho húngaro se batia contra as forças das potências invasoras, enviou à República dos Conselhos uma calorosa mensagem de solidariedade.

Após o fim dramático da revolução, a análise das causas do seu fracasso e da estratégia e tática dos comunistas húngaros constituiu tema de muitas polémicas, com repercussões no próprio Komintern.

As potências da Entente festejaram, com alguma reserva dos ingleses, o restabelecimento em Budapeste de um poder ultraconservador. Da vaga de repressão desencadeada na Hungria falou-se pouco. E, contudo, foi bem real. O novo governo perseguia os oficiais e soldados do exército revolucionário. Muitos foram condenados a cumprir pesadas penas. Milhares de comunistas foram assassinados e talvez setenta mil pessoas internadas em campos especiais. O terror branco atirou para o exílio mais de 100 000 húngaros. Em 1921, o almirante Horthy tornou-se regente de um reino sem monarca. Estava aberta a porta para o fascismo e a futura aliança com o III Reich.

(1) in «Mille ans d'histoire hongroise», pág. 175, Editora Corvina, Budapeste, 1986.

A «Ford» inglesa a 3 dias

■ Manoel de Lencastre

Numa demonstração inequívoca da desastrosa situação do mercado, a «Ford», a primeira fabricante de veículos automóveis no Reino Unido, anunciou ter sido obrigada a diminuir a produção em três das suas grandes fábricas. E o informador da companhia declarou que não vê quaisquer indícios de progresso económico no país, daí resultando a nítida quebra da procura de novos carros. Acrescentou: «Pelo menos até meio de 1993, não esperamos que a economia britânica conheça novas condições.»

Vários milhares de trabalhadores (fala-se em 10 000) foram colocados a 3 dias de trabalho semanal em Dagenham, a fábrica principal, em Southampton e em Halewood onde a fabricação dos «Escort» ficará suspensa, na totalidade, por um mês. A carteira de encomendas, paupérrima e preocupante, não justifica a continuação da produção contínua.

Dias antes, a «Rover» tinha, igualmente, decidido diminuir a produção dos seus «Metro» e «Mini» na fábrica de Longbridge, em Birmingham. Também aí, pelo menos 2000 operários foram postos a 3 dias. A situação de toda a indústria automóvel reflecte o brusco declínio que se verifica no mercado europeu. Diz o «Financial Times» que as vendas de novas viaturas, na Alemanha, caíram em cerca de 37% e que, como resultado, no conjunto dos países da CEE essas vendas contraíram-se em 15,3%.

Entretanto, nos Estados Unidos, a «General Motors», a maior empresa industrial do mundo, revelou que os seus prejuízos continuaram a aumentar durante o trimestre de Abril a Junho, sugerindo que o resto do ano corrente se caracterizará por crescentes dificuldades na indústria automóvel e em toda a economia mundial. As perdas da companhia no referido período ascenderam a US Dólares 357 milhões. Como os leitores do «Avante!» sabem, a GM perdeu, em 1971, a impressionante soma de 4,5 biliões de dólares depois de haver encerrado 21 fábricas e despedido 74 000 operários. Roter Stempel, o presidente da grande companhia, declarou: «Os restantes 6 meses do ano vão ser difíceis devido à incerteza reinante quanto ao ritmo da recuperação económica nos Estados Unidos e à quebra nítida que se verifica na Europa»

Chrysler: onde está o dinheiro?

Mas, enquanto a «Navistar», a maior fábrica de camiões pesados dos Estados Unidos, registava prejuízos de US Dólares 115 milhões, de Abril a Julho, a «Chrysler», o terceiro maior fabricante dos Estados Unidos, conseguiu renegociar com 152 Bancos a manutenção, em novos e mais gravosos moldes, das suas dívidas de, aproximadamente, 7 biliões de dólares. Estas renegociações que, por parte da companhia, foram dirigidas pelo seu carismático presidente, Lee Iacocca, conduziram a que os Bancos, em troca do refinanciamento, extrassem importantes concessões à «Chrysler». Assim, a empresa comprometeu-se, no decorrer dos próximos 3 anos, a diminuir em 2 biliões a sua dívida e concordou ainda em submeter ao controlo dos bancos os negócios da sua subsidiária, «Chrysler Finance Inc.». Contudo, foi o último ponto das difíceis e momentosas negociações que alertou os observadores e colocou Lee Iacocca na mais seve-

ra e incómoda das posições: os Bancos perguntaram onde se achavam os 4 biliões de dólares que faltam nos fundos de reforma e de pensões do pessoal da companhia.

A queda drástica dos lucros dos gigantes da indústria electrónica japonesa, «Sony» e «Pioneer», provocou uma nova baixa nos valores das acções cotadas na

Bolsa de Tóquio, os quais, entretanto, devido a certas medidas governamentais para protecção do capital dos Bancos, conheceram já alguma recuperação. Os limitados resultados do segundo trimestre do ano apresentados por ambas as companhias reflectem o enfraquecimento da procura no mercado mundial onde, face à excessiva capacidade de produção da indústria dos electrónicos de consumo, se verifica uma intensa guerra de preços.

Mas nota-se, igualmente, que a indústria parece ter esgotado, pelo menos de momento, as suas possibilidades de criação e lançamento de novos produtos com interesse para um mercado onde a juventude constituía decisiva proporção. Todavia, numa situação em que aqueles que apostaram nos jovens para os explorarem já não lhes colocam dinheiro à disposição e preferem abandoná-los na mais cruel das desorientações, a questão do lançamento de novos tipos de audiovisuais, filmes, gravações, etc., não pode sequer colocar-se. Por outro lado, a controversa aquisição pela «Sony», há dois anos, da «Columbia Pictures» ainda não emprestou ao balanço da importante companhia japonesa a contribuição e os resultados que os accionistas e investidores esperavam.

No sector da cibernética, nos Estados Unidos, a «Wang», uma das empresas pioneiras da revolução da informática, caba de refugiar-se dos seus credores através de uma petição aos tribunais no sentido de que seja declarada falida. A empresa, que chegou à posição de directa competidora da IBM, há anos atrás, empregava 31 500 pessoas mas reduziu o seu quadro de pessoal, gradualmente, até ao nível em que presentemente se encontra: 8000 empregados cujo futuro se reduz a coisa nenhuma.

Banca dinamarquesa na corda bamba

Há poucos dias, os Bancos dinamarqueses faziam circular notícias segundo as quais, na Dinamarca, estavam todos de excelente saúde, muito obrigado — eram só os Bancos suecos e noruegueses que sofriam as dramáticas consequências da depressão. Sabemos perfeitamente bem as razões por que se emitem declarações deste jaez.

Eis que, entretanto, a «Hafnia», a

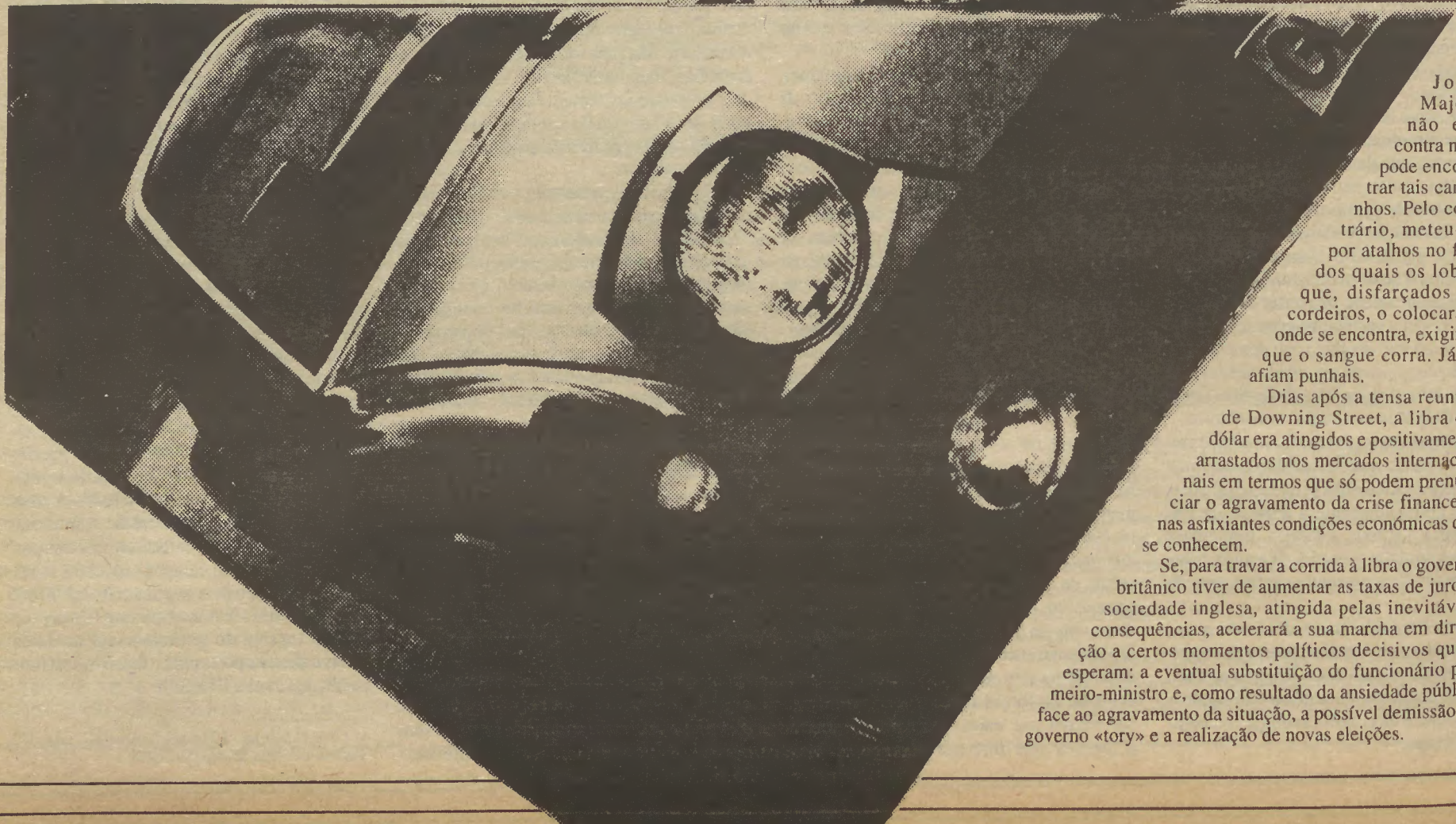
segunda maior seguradora dinamarquesa, profundamente envolvida com os Bancos na qualidade de devedora mas também na de accionista, suspendeu as cotações do seu próprio papel na Bolsa de Copenhague. Os mercados de Oslo e de Estocolmo ressentiram-se, imediatamente. Toda a Escandinávia financeira tremeu. Toda a indústria seguradora sofreu, incluindo a «Skandia», sueca, a «Baltica», dinamarquesa, a «Uni Storebrand», norueguesa, em cujo auxílio correu o governo de Oslo. E os bancos dinamarqueses, aqueles que Knud Sorenson, presidente da Associação dos banqueiros locais, dizia que estavam bem defendidos de situações do tipo «sueco-norueguês», acabaram por reconhecer aquilo que, para toda a gente, se afigurava como perfeitamente óbvio.

Os maus negócios com a «Hafnia» que, em 2 meses apenas, perdeu 1,9 biliões de coroas dinamarquesas (15 milhões de contos) de capital suplementar financiado pelos seus accionistas, deixaram graves prejuízos aos Bancos — o «Den Danske Bank», por exemplo, ficou lá com 1,2 biliões de coroas e o «Unidanmark», com 450 milhões. Isto, numa situação em que o «Unibank», o segundo banco do país, registou prejuízos de 1,5 biliões, ou sejam 10 milhões de contos. Para onde vai, portanto, a Banca dinamarquesa, esse modelo de suficiência e de acentuada estabilidade? Segue, apesar dos protestos do Sr. Sorenson que, aliás, é o chefe-executivo do referido «Den Danske Bank», o mesmo caminho que estão percorrendo todos os bancos escandinavos — o da descapitalização resvalante, o da continuação infinita das dívidas incobráveis. Mais tarde, restar-lhes-á o abismo. Não é para aí que se dirige a economia capitalista mundial, no seu conjunto?

John Major tem medo

O primeiro-ministro britânico interrompeu as suas merecidas férias para vir a Londres presidir a uma importante reunião do Gabinete, em Downing Street, a qual se alongou pelo melhor de 8 horas consecutivas. Toda a Comunicação Social, cá fora. Que transcendentais decisões estariam a ser consideradas no interior do histórico edifício? No fim, John Major esclareceu que a Grã-Bretanha vai colocar meia dúzia de aviões «Tornado» às ordens do comando de ataque ao Iraque e disponibilizar cerca de 2000 homens para o serviço da ONU, na Bósnia.

Mas, a voz do primeiro-ministro tremia, os seus gestos mostravam-se hesitantes e o brilho do medo inundava-lhe os olhos. Este homem de modestas origens, que chegou aos mais altos postos do governo conservador e aceitou substituir Margaret Thatcher, que venceu as eleições à custa do pânico que atingiu uma boa parte da baixa classe média perante a perspectiva da chegada dos trabalhistas ao poder, acha-se vivendo, sem dúvida, horas angustiosas. Sobre os seus ombros repousa a terrível responsabilidade da condução do capitalismo britânico através dos impossíveis caminhos que possam conduzi-lo a certa recuperação. Mas



John Major não encontra nem pode encontrar tais caminhos. Pelo contrário, meteu-se por atalhos no fim dos quais os lobos que, disfarçados de cordeiros, o colocaram onde se encontra, exigirão que o sangue corra. Já se afiam punhais.

Dias após a tensa reunião de Downing Street, a libra e o dólar era atingidos e positivamente arrastados nos mercados internacionais em termos que só podem preannunciar o agravamento da crise financeira nas asfixiantes condições económicas que se conhecem.

Se, para travar a corrida à libra o governo britânico tiver de aumentar as taxas de juro, a sociedade inglesa, atingida pelas inevitáveis consequências, acelerará a sua marcha em direcção a certos momentos políticos decisivos que a esperam: a eventual substituição do funcionário primeiro-ministro e, como resultado da ansiedade pública face ao agravamento da situação, a possível demissão do governo «tory» e a realização de novas eleições.

PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

Governo empalado

Olha a pala
olha a pala
olha a palinha de mão
não é minha, não é tua
é da grande confusão...

Santana voga na brisa
do sim pra não, não pra sim
e depois desautoriza
não assim, antes assim...

Olha a pala
olha a pala
olha a palinha de mão
não é minha, não é tua
é de quem sopra o balão...

Santana é um maquiavel
com pernas de serradura.
Mas Cavaco está por ele
dá-lhe toda a cobertura.

Olha a pala
olha a pala
olha a palinha de mão
não é minha, não é tua
é deste grande empadão...

O Santana só engana
a quem quer ser enganado.
Todo o governo é um Santana
desvairado, desvairado...

Olha a pala
olha a pala
olha a palinha em batota
não é mi nha, não é tua
é do Santananedota...

Conselho de ministros

Valente está contra o Couto
e todos contra Nogueira.
Mira é tido por maroto
e por marau o Ferreira.

Fazem troça do Borrego
chamam ao Deus o «Reizinho».
O Santana é um tarrenego
o Braga é o lavradorzinho...

E o Cavaco está contente
na barca da boa nova.
Dão-se todos lindamente...
... como se prova.

A Festa/92

Comem-se os lobos uns aos outros. Comem
pra pesar mais no prato da balança.
Agitam-se punhais na contradança.
E de almas, nem sinal. É tudo abdómen.

Veneno, corrupção, ódio, vingança
nas dobras do escândalo se somem.
De súbito, a esperança de ser homem
no horizonte é mais do que uma esperança.

A Festa do Avante: um coração
que doutros corações que já lá vão
se enriquece, e que bate, bate, bate.

Ao chão pátrio encostamos o ouvido.
Os passos infundáveis dão sentido
ao amor, às bandeiras, ao combate.

■ IGNOTUS SUM

Turismo protegido

Os governantes dos Açores parecem não ter muita confiança no turismo regional. Embora o tenham protegido em 1975 por «necessidade», não conseguiram pelos vistos até agora torná-lo apetecível para a privada. Assim é, que a indústria hoteleira vai um pouco tarde na onda das privatizações, mas não sem antes recorrer ao sacrossanto «capital de risco». O caso não deve ser para menos. Imaginem os industriais sem rede num «processo que é decisivo para o futuro dos Açores». Acredita-se facilmente que seja «decisivo», como diz o presidente do Instituto de Investimentos e Privatizações (IPPA), mas já são mais difíceis de seguir as palavras do responsável da F. Turismo-Capital de Risco quando fala de «formalizar o equilíbrio financeiro das empresas turísticas». Seria mais fácil de entender se falasse primeiro, pelo menos, da necessidade de equilibrar formalmente o «capital de risco». Não será este na verdade mais importante do que as empresas e do que as próprias privatizações?

«Alemanha para os alemães...»

Velhos slogans, como «Alemanha para os

alemães», voltaram a ser ouvidos, desta feita na cidade alemã de Rostock que, no passado fim-de-semana, foi palco dos mais graves ataques da extrema-direita contra os estrangeiros, depois de idêntico assalto a internatos de trabalhadores moçambicanos e vietnamitas em Hoyerswerda, em Outubro de 1991.

Neste caso, o alvo era constituído por cerca de 220 asilados, oriundos da Polónia e da Roménia, alojados no centro de acolhimento de Rostok — Mecklemburgo. Ao longo de duas noites, cerca de meio milhar de jovens neonazis cercaram o centro de acolhimento, provocando graves distúrbios, de que resultaram ferimentos em 36 polícias e a detenção de 150 pessoas.

Os militantes da extrema-direita, provenientes de vários pontos do Norte da Alemanha, foram tacitamente apoiados por uma concentração de pessoas calculada em cerca de 1500.

Note-se que o governo alemão tem vindo a menosprezar o peso e dimensão destes grupos. Ainda em meados deste mês, o Ministério do Interior alemão publicou um relatório sobre a actividade da extrema-direita em que se afirma que a «fraca

estruturação dos 40 mil militantes e 79 grupos neonazis não permite considerá-los uma organização criminoso».

Benefícios

O ministro da Saúde decidiu divulgar, em comunicado, as boas razões que estariam por detrás de uma alteração no regime de participações nos medicamentos que, para o entendimento e a bolsa do comum dos cidadãos, corresponde de facto a um aumento de preços. Na opinião do ministro, não se trata de poupança para o Ministério (embora o director-geral dos Assuntos Farmacêuticos refira uma poupança de 1,9 milhões de contos). Trata-se, sim, de assegurar aos pensionistas de menores rendimentos uma especial protecção medicamentosa.

Mas as contas não serão tão simples de fazer para os favorecidos (dos previstos cinco milhões de desfavorecidos não vale a pena falar). Concretamente — os cortes oscilam entre os 12,5% e os 20% em relação aos valores anteriormente praticados. Quanto aos «beneficiários» (com pensões de montante inferior ao salário mínimo nacional), a participação do governo será acrescida de apenas 15%. Pouco será o ganho, quando o houver. Outras vezes é a perda (também nestes casos) que se trata.

frases da Semana

«Quem manda nesta casa sou eu.»

☞ (Santana Lopes — «O Jornal», 21.08.92)

«Santana Lopes a um passo de ser demitido.»

☞ (Título — «Expresso», 22.08.92)

«Couto dos Santos achou que devia pagar as obras.»

☞ (Santana Lopes — «O Jornal», 21.08.92)

«Se o ministro da Educação não paga, nós também não...»

☞ (Santana Lopes — «O Diabo», 25.08.92)

«Sirva-os quentes ou frios, com uma salada.»

☞ («Pastéis com dois queijos», Receita, «Ementa» — «Expresso-Revista», 22.08.92)

«Acabou a 'engorda'.»

☞ (Título — «O Jornal», 21.08.92)

«Banco de Portugal perde o controlo da política monetária.»

☞ (Título — «O Jornal-Economia», 21.08.92)

«CIP admite aumento de desemprego.»

☞ (Título — «O Jornal-Economia», 21.08.92)

«Os salários cresceram a uma taxa elevada — daí a taxa de cinco por cento para a Função Pública.»

☞ (Fonte próxima do ministro das Finanças — «Diário de Notícias», 25.08.92)

«Acentuam-se as tensões inflacionistas.»

☞ (Título — «O Jornal-Economia», 21.08.92)

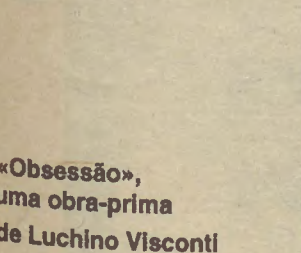
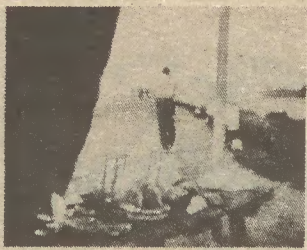
«Estamos a fazer tudo para que Portugal continue a crescer acima da média comunitária, sendo certo que a nossa previsão exclui a hipótese de recessão.»

☞ (Fonte próxima do Ministério das Finanças — «Diário da Notícias», 25.08.92)

«(...) urge pôr termo às tentativas, cada vez mais insistentes, de se identificar o «ser madeirense» com o facto de se apoiar determinada corrente partidária, ideológica ou de acção governativa.»

☞ (Manifesto de dez padres madeirenses — «Expresso», 22.08.92)





«Obsessão»,
uma obra-prima
de Luchino Visconti

Chocolat
«Chocolat», (Fr./1988). Realização de Claire Denis. Interpretação de Isaac de Bankolé, Giulia Boschi, François Cluzet, Cécile Ducasse, Mirreille Perrier. Cor, 105 minutos.

Parece tratar-se de um filme interessante, aliás uma primeira obra de uma realizadora que viveu a sua infância em África. História de reminiscências da juventude e da adolescência, com histórias cruzadas de amores furtivos e paixões escondidas, tendo, como pano de fundo, inevitáveis referências ao colonialismo francês, já que o argumento se desenrola nos Camarões. Embora dando os seus primeiros passos na realização, Claire Denis demonstra, já, considerável mestria técnica, na construção dos planos e na movimentação das câmaras. A descobrir, com interesse.

Terça, 22.45, Canal 2

«Diamond Trap»
Realização de Don Taylor (EUA/1988). Interpretação de Howard Hesseman, Brooke Shields, Ed Marinaro, Twiggy, Darren McGavin, Dick O' Neill, Nicholas Pryor. Cor, 100 minutos.

Telefilme americano, com a «modelo» Twiggy a fazer de detetive da Scotland Yard, é coisa que não lembraria, naturalmente, a ninguém. Mas tal não parece, entretanto, estranhar a dois polícias de Nova Iorque que, na sequência da investigação de um roubo de uma joalharia da grande metrópole, vão parar a Londres. Uma comédia banal, sem nada de recomendável.

Quarta, 14.30, Canal 1

Fogo com Fogo
«Fire With Fire», (EUA/1986). Realização de Duncan Gibbins. Interpretação de Craig Sheffer, Virginia Madsen, Jon Polito, Jeffrey Jay Cohen, Kate Reid, Jean Smart. Cor, 103 minutos.

Ele, estava detido num reformatório para jovens delinquentes. Ela, frequentava os claustros austros de um convento. Mas o fogo da paixão chamava por eles e eles correspondem a esse chamamento. História sentimental dos amores proibidos de dois jovens em fuga a todos os aprisionamentos... (por este andar, estamos a escrever para o Boletim Informativo da RTP). A verdade é que a gente (também) não conhece o filme. Mas não faz mal dar uma espreitadela...

Quarta, 21.30, Canal 1

TEATRO

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes. Tel. 607299. 5.º, 6.º e sáb. às 22.00. **GOODBYE SÉCULO 20**, encenação de Fernando Gomes.

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA
Almada. Tel. 2752175. De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **LA MUSA**, de Marguerite Duras, encenação de Marie-France Fernandes (até 23/8)

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO
Largo do Cruzeiro, Estoril. Tel. 4670320. De 4.ª a sáb. às 21.30,

dom. às 17. **ESPECTROS**, de Ibsen, encenação de Carlos Avilez.

TEATRO S. LUIZ
Rua António Maria Cardoso. Tel. 3471279. De 6.ª a dom. às 19.30: **UM SUICÍDIO**, de Pepino de Filippino, encenação de Filipe Crawford. 6.ª e sáb. às 21.30: **NÁPOLES MILIONÁRIA**, de Eduardo de Filippino, encenação de Mário Viagas (produções da Companhia Teatral do Chiado).

TEATRO DA TRINDADE
Sala Estúdio - Largo da Trindade, 7-A. De 3.ª a sáb. às 18.30, dom. às 21.30. **O AMANTE**, de Harold Pinter, encenação de Diogo Infante.

Noites do Vitória

Música ao Vivo à sexta-feira à noite

no Terraço

Esta semana:

Música ao vivo com Mané

EXP'92

SEVILLA

EXCURSÃO 2-3-4-5/OUTUBRO

1.º DIA - LISBOA/MONTE GORDO

- Partida às 14 horas do CT Vitória: Auto-Estrada do Sul. Continuação da viagem por Alcácer do Sal, Ourique, Ferreiras, Monte Gordo. Alojamento.

2.º e 3.º DIAS - MONTE GORDO/HUELVA/SEVILHA/MONTE GORDO

Partida para Sevilha às 8 horas. Chegada às 10 horas. Entrada no Recinto da Expo/92. Dia livre para iniciativas individuais. Às 23.15 horas partida para Monte Gordo. Chegada ao alojamento à 1.00 hora.

4.º DIA - MONTE GORDO/LISBOA

- Regresso às 13.45 horas. Chegada prevista às 19.30 horas.

PREÇO POR PESSOA

- C/1 Entrada na Expo/92 29 500\$00
- C/2 Entrada na Expo/92 35 300\$00

O preço inclui:

- Transporte em moderno Autocarro de Turismo com ar condicionado até ao local da Expo/92 e regresso;
- Alojamento no Hotel Baía de Monte Gordo.
- Pequenos-almoços;
- Entrada (1 ou 2 bilhetes conforme a opção) para a Expo/92, nos 2.º e 3.º dias;
- Visita à cidade de Sevilha.

Excursão a Ceuta

3 dias

25, 26 e 27 de Setembro

1.º dia - Lisboa (saída do CT Vitória)

Algeciras

2.º dia - Ceuta

3.º dia - Regresso

(passagem por Sevilha, Badajoz, Estremoz)

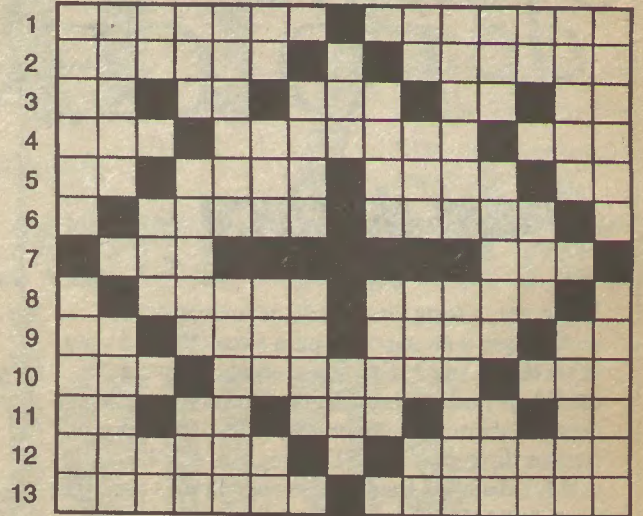
Preço por pessoa: 25.500\$00

(incluindo viagem, alojamento em Hotel em regime de 1/2 pensão, jantar do 1.º e 2.º dias)

- Excursões promovidas pela Organização Cidade de Lisboa
- Inscrições nas Zonas e Sectores e no CT Vitória - Tel. 3562715

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 — Ópera; Vexatório. 2 — Rapinante; Adoecer. 3 — Prefixo de direcção; O sono das crianças; Coloca; Alternativa; Idem (abrev.). 4 — Animação; Envilecer; Caminhal. 5 — Parecência; Vila portuguesa; Inaugure; Prefixo de privação. 6 — Novilha de dois anos que já pode lavar; Leigo. 7 — Insipiente; Joeira. 8 — Aéreo; Barco empregado na pesca do atum. 9 — Átomo (abrev.); Escrava egípcia de Abraão (Ismael); Adicionar; Rapaz (pop.). 10 — Ente; Utilizasses; Título honorífico entre os ingleses. 11 — Pronome pessoal reflexo; Em partes iguais; Pronome possessivo; Basta; Antes de Cristo (abrev.). 12 — Cabo, corda ou corrente com que se prende alguma coisa; Nome de batalha contra os mouros no reinado de D. Afonso IV. 13 — Pulava; Falésias.

VERTICAIS: 1 — Praguejar; Qualidades. 2 — Aparelho que serve para detecção e localização de objectos distantes por meio de rádio; Birra. 3 — Abreviatura usada em música; Pedra de altar; Outra coisa. 4 — Animal doméstico; Pequeno altar; Artigo (abrev.). 5 — Repercua; Molhara. 6 — Preposição; Ignóbil; Ofereces; Avenida (abrev.). 7 — Calca; Discursas. 8 — Estrela; Ponto cardeal. 9 — Substância gorda de composição análoga à do álcool e do éter; Habitação. 10 — O sol no Egipto; Pala; Soma; Senhora (abrev.). 11 — Acudi; Riscar. 12 — Baixo; Retroceder; Acolá. 13 — Grande ribeira da Ásia russa; Elemento de composição de palavras que exprime a ideia de ouvido; Prefixo latino que entra na composição de várias palavras portuguesas. 14 — Desabafo; Graça. 15 — Manda; Diminutos.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Moderar; Suplica. 2 — Air; Apelida; Sir. 3 — GA; Ameno; Oi. 4 — Cal; Ada; Cos. 5 — Castos; Colega. 6 — Or; Odes; Repa; Ar. 7 — De; Oco; Opa; Ab. 8 — Tifo; Om; La; Amas. 9 — Ilesos; Segura. 10 — São; Toa; Lia. 11 — Id; Arena; Cl. 12 — Com; Ariscos; Ion. 13 — Assalto; Ascenda.

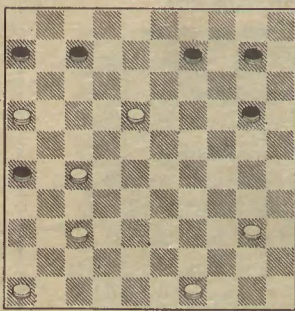
VERTICAIS: 1 — Mágico; Típica. 2 — Oia; Ardil; Dos. 3 — Dr; Cs; Efes; Ms. 4 — Lato; Osas. 5 — Ra; Lodo; 66; al. 6 — Apa; Secos; Art. 7 — Rema; Som; Trio. 8 — Ledo; Pões. 9 — Sina; Sina; Rol; Anca. 10 — Cepas; Aos. 11 — Pá; Copa; El; Sc. 12 — Sola. 13 — Is; Se; Amua; In. 14 — Cio; Gabar; Cod. 15 — Aricar; Salina.

DAMAS

CCCLXX
27 de Agosto de 1992
PROPOSIÇÃO N.º 1992D069

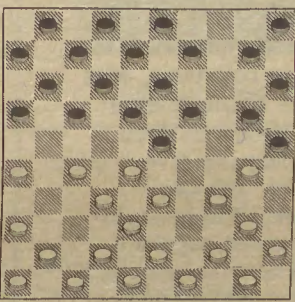
Por: LOUIS DALMAN
La Marseillaise,
22.X.1971

Pr.: [7]: 6-7-9-10-20-26-38
Br.: [7]: 16-18-27-37-40-46-49



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1992D070
Por: HENRI CHILAND
L'Éffort, n.º 19/20, 1951
Pr.: [20]: 1-2-3-5-6-7-8-9-10-11-12-13-15-16-17-18-19-20-23-25
Br.: [20]: 26-27-28-30-32-33-34-36-38-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50



Branças jogam e ganham.

SOLUÇÕES DO N.º CCCLXX
N.º 1992D069 [L.M.]: 1. 18-12, (7X18); 2. 27-21, (26X17); 3. 49-43, (38X49=D); 4. 16-11, (49X35); 5. 11X24, (35X41); 6. 46X37+

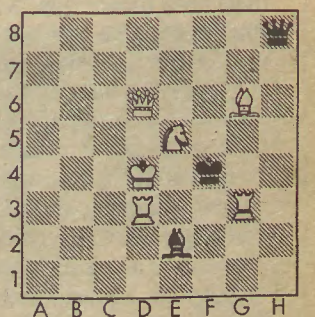
N.º 1992D070 [H. Ch.]: 1. 30-24, (19X39); 2. 28X19, (39X37); 3. 42X31, (13X24); 4. 27-21, (16X27); 5. 31X4=D+

XADREZ

CCCLXX
27 de Agosto de 1992
PROPOSIÇÃO N.º 1992X069

Por: OTTO WURZBURG
2.º Prémio Memorial S. Loyd, 1942

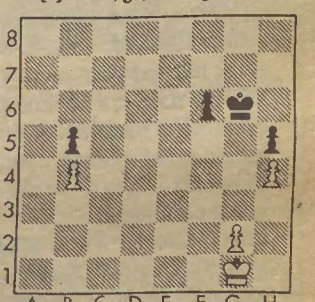
Pr.: [3]: B62 - Dh8 - Rf4
Br.: [6]: C65 - Bg6 - Ts.d3, g3 - Dd6 - Rd4



Mate em 2 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1992X070
Por: MIKHAIL BOTVINNIK
Finales de Pions, 1982

Pr.: [4]: Ps.b5, f6, h5 - Rg6
Br.: [4]: Ps.b4, g2, h4 - Rg1



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCCLXX

N.º 1992X069 [O. W.]: 1. Rd5!
N.º 1992X070 [M. B.]: 1. Rf2, Rf5; 2. Rf3, R65; 3. g4, h5:g4+; 4. R:g4, R64; 5. h5, f5+; 6. Rh3! f4; 7. h6, f3; 8. h7, f2; 9. Rg2 e g.

A. de M. M.

A. de M. M.

Tempo

Deverá verificar-se pequena descida da temperatura, aumento da nebulosidade e períodos de chuva nas regiões Norte e Centro.

a talhe de FOICE

Piadas de circo

Desta vez, a festa laranja não encontrou espaço melhor que o de um circo para a realização do seu espectáculo anual. Escolha acertada, já que a qualidade dos artistas assim o determinava e que os espaços abertos se têm revelado de algum perigo para os dirigentes do PSD. Ninguém escolheria um estádio, dadas as fragilidades encontradas nas vigas de sustentação. Cavaco Silva não arriscaria que alguma pala lhe fosse tombar sobre o discurso. De resto, o espectáculo não dava para grandes larguras. O que o chefe do PSD e do Governo tinha para dizer não era de encher alamedas. Cavaco não veio às promessas. Passada a euforia da presidência europeia - onde é que isso já vai e que resultados teve para que nunca mais se falasse de tal... -, as tintas escureceram subitamente na paleta do artista. Bronzeado embora pelo claro sol algarvio, o chefe do PSD levava apenas palavras sombrias para os ouvidos dos festivaleiros de Faro e perspectivas pouco luminosas para os portugueses que lhe haviam dado a maioria nas últimas eleições. Foi certamente a contar com o pouco entusiasmo que a sua mensagem despertaria que os organizadores da festa escolheram o recinto redondo e fechado de um circo, onde as palavras do chefe iriam soar como advertência e não como alegres e entusiásticos incitamentos para o futuro próximo.

As multidões preferiram o futebol - pelo menos é esta a desculpa adiantada por um periódico - e Cavaco perdeu por 10 000 a 1500 o desafio da rentree político-desportiva. Nós, porém, estamos em crer que o que meteu medo ao PSD foi a falta de desafios políticos novos em comparação com a expectativa de um bom desafio no campo do Farense. Esse o receio que levou os "sociais-democratas" a preferir uma barraca do Circo Chen ao tradicional piquenique que antes se realizava no Pontal.

No entanto, não se poderá atribuir ao recinto a responsabilidade pelas saborosas piadas que o dirigente do PSD soltou ao longo do seu discurso. Cavaco partiu em guerra contra os que se opõem

às medidas de "justiça" que vem tomando, como por exemplo, a de fazer pagar "aos mais ricos" as propinas do ensino universitário. Outras "medidas" tomadas, que defendeu serem justas, foram nada mais nada menos que "a mobilidade dos funcionários", a extinção de "serviços cuja utilidade já tinha desaparecido", a regulamentação dos "serviços mínimos quando estão em causa greves". Os trabalhadores não estavam lá, senão tinham-se ouvido cá fora as gargalhadas.

Avisou ainda os festivaleiros presentes de que vem aí um "orçamento de contenção", a justificar os cortes que se vêm verificando nas despesas públicas. E advertiu "autarcas, reitores, dirigentes de hospitais e presidentes de institutos" de que podem, se quiserem, "fazer muito barulho", que ele não vai alterar a sua posição.

Por fim, Cavaco afirmou-se um verdadeiro e perigoso campeão do colectivismo, esgrimindo contra "os grupos de interesses" que procuram que "o interesse individual se sobreponha ao interesse colectivo". Absteve-se de ilustrar. Toda a gente ficou decerto a pensar nos milhões entregues, em privatizações e outras facilidades, a champalimauds e espíritos santos que, como se sabe, representam os interesses colectivos. Mas não faz mal, era só uma piada. O colectivismo cavaquista não deixou de se afirmar no circo, quando, pelo jantar, cada participante teve direito a uma caixa, tipo de avião, com refeição igual para todos. E sem escolha. Tão apostado estava Cavaco Silva em mostrar-se popular e democrático que não hesitou em dizer mais uma piada - a de para ser um bom candidato do PSD "não basta ser um bom social-democrata, é preciso ser sério e honesto"...

Uma última piada foi aquela em que se mostrou determinado a continuar a política de privatizações, afirmando que "foi dessa forma que os outros países conseguiram a prosperidade". Mas essa ninguém percebeu.

■ L. M.

Em Huelva Portugueses trabalham em condições sub-humanas

Segundo o sindicato agrícola da UGT espanhola, trabalhadores temporários portugueses estão a viver há alguns meses, refere a Lusa, em «condições sub-humanas», nas explorações agrícolas da Estremadura. Em telegrama datado de Huelva (24 do corrente), a Agência acrescenta, citando o sindicato, que esses trabalhadores, na maioria nossos com-

patritotas, participam na safra do tomate sem contrato de trabalho, sem segurança social e com salários inferiores aos estabelecidos nas convenções colectivas. A UGT espanhola refere ainda que a maioria dos trabalhadores temporários vive sem água e sem energia eléctrica, dormindo em tendas ou em barracas nas explorações, com uma jornada de trabalho

de 10 horas e, em muitos casos, superior.

«Isto é mão-de-obra escrava, que os empresários da zona utilizam, e nós opomos a isso, pois é um claro desrespeito pelas leis do trabalho. Ao agir deste modo, não estamos contra a presença de trabalhadores estrangeiros, seja qual for o país», frisou o porta-voz do sindicato. A delegação do

Governo da Estremadura e a Inspeção do Trabalho abriram um inquérito.

Segundo a Lusa, nos últimos anos, os sindicatos da UGT e das Comisiones Obreras (CCOO) têm denunciado as «péssimas condições» de trabalho dos jornalistas temporários na província de Huelva — espanhóis, portugueses e marroquinos.

Fundos para o têxtil

O «Diário da República» anuncia, em 17 do corrente, medidas de apoio fiscal e de reforço do capital de empresas têxteis e de vestuário no valor de 25 milhões de contos. A criação desse fundo integra-se na «modernização e inovação da indústria tradicional portuguesa», aprovada em Conselho de Ministros de 16 de Julho. Para beneficiar do dinheiro é necessário que os projectos visem a reconversão, modernização, fusão ou concentração de empresas «em sectores declarados em reestruturação» — caso dos têxteis e

do vestuário. O FRIE (Fundo de Reestruturação e Internacionalização Empresariais) está a cargo dos ministérios das Finanças e da Indústria e Energia.

Segundo a Lusa, o Governo já teria avançado com a contribuição dos dois primeiros fundos no valor de 10 milhões de contos, a primeira parcela daquele total de vinte e cinco.

Recorde-se, entretanto, que a indústria têxtil ainda não foi oficialmente declarada como sector em reestruturação.

Produtores de tomate recorrem a Estrasburgo

Os produtores de tomate do Ribatejo estão dispostos a recorrer à primeira instância do Tribunal de Estrasburgo, para conseguir o pagamento de uma dívida de 400 mil contos, segundo uma notícia divulgada pela agência Lusa.

Amândio de Freitas, presidente da Associação de Produtores de Tomate do Ribatejo, afirmou que «esperam uma tomada de posição do secretário de Estado dos Mercados Agrícolas e Qualidade Alimentar na primeira semana de Setembro; caso contrário, estão dispostos a tratar da possibilidade de mover um processo ao Estado português, junto da primeira instância do Tribunal de Estrasburgo».

Ao comentar os resultados da reunião de segunda-feira, entre aquela associação, o director-geral dos Mercados e da Indústria Agro-alimentar e o director regional da Agricultura do Ribatejo e Oeste, Amândio Freitas frisou que o primeiro «se comprometeu a contactar» Luísa Capoulas para tentar resolver o diferendo.

Os 400 mil contos em dívida aos produtores de tomate foram entregues apelo Instituto Nacional de Garantia Agrícola (INGA) à empresa ECRIL, para que esta os canalizasse para a produção de acordo com as normas comunitárias, o que não aconteceu.

A ECRIL encontra-se presentemente numa situação de pré-falência, tendo sido alugada este ano à multinacional italiana Parmalat, com vista a uma eventual compra.

Amândio de Freitas adiantou que a ECRIL «se encontra actualmente sujeita a uma auditoria por parte do Ministério da Agricultura» devido à «existência de eventuais irregularidades na sua gestão».

Os produtores de tomate desejam que, no caso de serem detectadas irregularidades, o INGA se comprometa a salvaguardar os seus interesses.



Encontro PCP-PRD

No passado dia 20 de Agosto, uma delegação do PRD encontrou-se com o secretário-geral adjunto do PCP, acompanhado por Agostinho Lopes, da Comissão Política. O encontro realizou-se na sede do PCP, na Rua Soeiro Pereira Gomes, em Lisboa

Agricultores do Oeste querem ajuda estatal

Os agricultores do Oeste solicitaram uma ajuda estatal de 14 escudos/quilograma para cada embalagem de pêsco, até 20 mil toneladas.

Além da ajuda, a ser feita «com a maior brevidade», os agricultores pretendem uma compra pública de 15 mil toneladas de batata a 20 escudos o quilograma.

Em reunião realizada no Bombarral, com a presença da Associação de Agricultores do Oeste e das cooperativas agrícolas do Bombarral, Cadaval, Lurifruta e a Fenafutas, foi decidido pedir uma maior intervenção do Governo, em relação às compras públicas e às ajudas para a exportação para a pêra e a batata.

Relativamente à compra pública para a pêra rocha, aquelas organizações agrícolas pretendem que ela atinja os 20,6 escudos o quilograma líquido, suportando o Estado as despesas de recepção, transporte e destruição, ficando também abrangidos os agrupamentos de produtores, cuja intervenção pode atingir 29,4 escudos o quilograma.

Sobre a ajuda à armazenagem da batata, os signatários solicitam que o limite monetário de 100 mil contos passe a regime livre.

As organizações da lavoura presentes na reunião pediram ainda uma audiência ao ministro da Agricultura.

Deficientes querem revogação da lei orgânica

A Associação Portuguesa de Deficientes (APD) poderá queixar-se do Governo Português junto de instâncias internacionais, devido à nova lei orgânica do Secretariado Nacional de Reabilitação (SNR).

Para a APD, a forma como o Governo português aprovou o diploma, «sem audição das organizações representativas dos deficientes», revela o seu carácter «prepotente, arbitrário e antidemocrático».

«O decreto (publicado há dois dias) não contém

nenhumas disposições inovadoras e restringe intoleravelmente a participação das organizações não-governamentais de deficientes», diz a associação, segundo um comunicado divulgado.

A APD solicita ainda intervenção do Presidente da República no sentido da revogação do diploma e defende a aprovação de uma nova lei orgânica do SNR que transforme este órgão «num verdadeiro agente da política nacional de reabilitação dos deficientes».

da festa!

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 5
27 de Agosto de 1992
Não pode ser vendido
separadamente

AMORA-SEIXAL • 4, 5 e 6 SETEMBRO

ESPECIALMENTE PARA A FESTA

Né Ladeiras COM A BRIGADA VICTOR JARA e Luís Portugal na homenagem a Adriano



O programa de espectáculos da Festa do «Avante!» apresenta este ano um traço de particular interesse que é o de apresentações especialmente para ela preparadas ou por ela tornadas possíveis. Ou seja, espectáculos que só na Festa poderão ser vistos. Estão neste caso a apresentação da Orquestra de Jazz do Hot Clube com os músicos norte-americanos Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson e Greg Bandy, mas

também, e muito especialmente, a homenagem a Adriano Correia de Oliveira que reunirá Vitorino, Janita Salomé e o grupo de guitarras de António Portugal. Os últimos contactos estabelecidos pela Festa vieram porém acrescentar ainda mais

duas novidades - e bem significativas. Uma relaciona-se com um dos nomes já anunciados para a homenagem a Adriano, o guitarrista Paulo Vaz de Carvalho, que aliás acompanhou o intérprete da «Trova do Vento que Passa» em diversas apresentações na Festa.

Paulo Vaz de Carvalho contactou a Festa propondo estrear no próximo dia 5 na Atalaia um trabalho que tem vindo a realizar sobre canções de Adriano com o cantor português Luís Portugal, o vocalista dos saudosos Jáfumega. Por outro lado, a Brigada Victor Jara, que acaba de editar na etiqueta UPAV um CD que reúne alguns dos maiores êxitos da sua carreira, trará à Festa uma voz que ficou indissociavelmente ligada aos primeiros álbuns

da Brigada, «Eito Fora» e «Tamborileiro»: Né Ladeiras. Depois de deixar a Brigada e de uma curta colaboração com os Trovante (com quem gravou apenas um single), Né Ladeiras tem seguido uma carreira a solo, juntando-se no dia 6 na Festa, pela primeira vez nos últimos anos a um dos grupos determinantes da música popular portuguesa.



A Brigada Victor Jara com Né Ladeiras na Festa de 1978



Luís Portugal com os Jáfumega na Festa de 1983

Já no domingo
na Atalaia

Sorteiro da EP

É já no próximo domingo, dia 30 de Agosto, às 17 horas, que vai realizar-se, no próprio terreno da Atalaia, o Sorteio da EP. Com a presença dos camaradas que fazem parte da Direcção da Festa e a participação dos camaradas que nesse dia deram a sua contribuição na jornada de trabalho, o Sorteio da EP terá lugar no largo do Bar e vai apurar os vencedores dos prémios entre os que adquiriram a Entrada Permanente na Festa do «Avante!».

Lembramos que os prémios a sortear são nada menos que, para o 1º, duas viagens à Tunísia; para o 2º, uma câmara de vídeo; para o 3º prémio, 50 contos em livros. Mesmo não tendo chegado a tempo de concorrer ao sorteio da EP, não é caso para a não adquirir. Por 1 300 escudos - o preço de um vulgar bilhete para um espectáculo musical - quem a adquire fica com direito a muito mais do que isso. Durante três dias!

É por isso que, nestes últimos dias, muitos camaradas vão não apenas comprar a sua EP como também propô-la aos seus amigos, camaradas de trabalho, vizinhos e conhecidos. Para que ninguém deixe de ir à Festa, a mais importante realização política e cultural do país. E, quem não for abordado para comprar a EP pode sempre adquiri-la nos centros de trabalho do PCP. Ou, em todo o país, a qualquer dos muitos activistas que a propõem.

Desporto

na pág. 4/5/6

Mais Notícias

Entrou na terminologia habitual da crítica e da divulgação musical a expressão **grande música negra** para designar o que constitui não apenas uma raiz determinante da música popular actual em praticamente todo o mundo, mas também uma realidade em constante afirmação e desenvolvimento.

As raízes musicais de África transportadas pelos escravos para o continente americano deram origem na América do Sul a estilos tão influentes como o **samba** e o **forró** brasileiros, na América Central aos **merengues**, **calipsos**, **rumbas**, **guajiras** e tudo o que cabe na genérica designação de ritmos afro-cubanos e, na América do Norte, aos **blues** e ao **jazz**.

Todos estas músicas se imbrincaram com expressões musicais ou originais dos povos índios - nomeadamente nas Américas do Sul e Central - e com a música de origem europeia em todo o continente.

Reflectindo os caminhos dos antigos escravos dos estados sulistas após a guerra da Secessão a caminho das cidades industrializadas, o jazz e os blues evoluíram em sucessivas escolas e deram directamente origem a uma música de dança nascida nos ghettos de Detroit, Memphis, Chicago, a que o racismo branco chamava depreciativamente **race music** e a que um público negro cada vez mais vasto preferia chamar **rhythm and blues**.

Nos anos 50, quando a indústria discográfica e as rádios partiam à conquista do público juvenil, à música melosa produzida por adulteração de operetas e música de salão os jovens brancos

preferiram a forte e ritmada música do ghetto. Impedidas pelo racismo de a transmitir ou editar a música negra feita por negros, as estações de rádio e as editoras optaram por procurar uma espécie de **rhythm and blues** feito por brancos. Surgiram Bill Haley, Elvis Presley - e o **rock and roll**.

O **rock and roll**, os **rhythm and blues**, os **Chicago blues** são inseparáveis de uma música que na década seguinte exerceria influência determinante em jovens britânicos de cidades como Liverpool - os **Beatles** - ou Birmingham - os **Rolling Stones**. O rock transformar-se-ia numa linguagem nascida nas cidades industrializadas anglo-saxónicas para rapidamente se transformar numa linguagem universal, lá onde se reproduzisse as condições de grandes aglomerados urbanos industrializados, de problemas de integração juvenil, de crises mais ou menos violentas das sociedades contemporâneas.

Entretanto, autonomamente, a **grande música negra** continuava a evoluir e a verter sobre a música popular novas criações e novas versões. De Detroit viria a **soul music**. Das universidades e do **black power** viria o **free jazz**. Da Jamaica, reclamando-se de uma Etiópia africana longínqua, viria o **reggae**. Entretanto, desde o século XIX e ao longo de todo o século XX, noutros países essa influência negra revelar-se-ia funda, em sonoridades bem diversas. Vinda **lundum** do Brasil, desaguara em Lisboa e imbrincou-se no **fado**. Desembarcada nos cais de Cádiz, Huelva, Cartagena, misturara-se com **gitanos** e camponeses e dera ao **flamenco** os seus **fandangos**.



A grande música negra na Festa

Tubarões

Oh! Irmã África

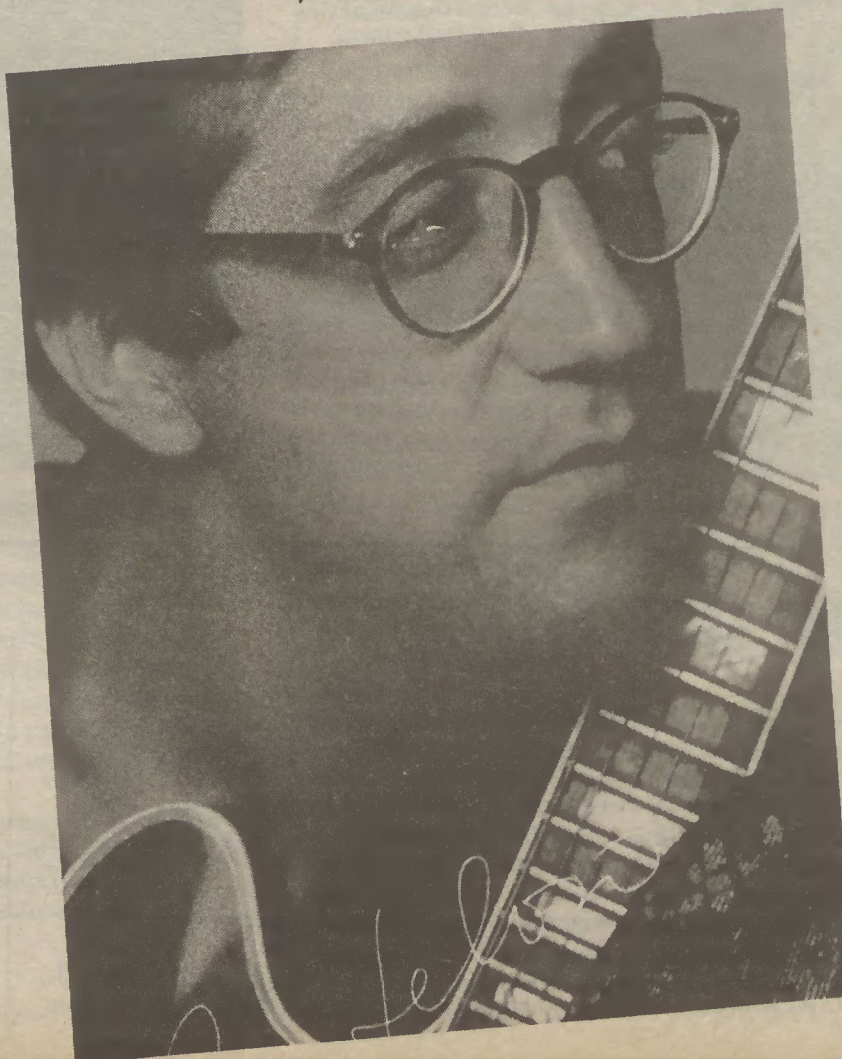
eu gostava de ir um dia a África
terra de onde vem toda a música
terra onde o sol enxuga o pranto
e onde a dor se transforma em canto

Oh! Irmã África

eu gostava de cantar em África
e dizer o que me vai no fundo
tua liberdade vale muito mais
que todos os diamantes do mundo

Oh! Irmã África

Rui Veloso



Rui Veloso

The Boogie Brothers

Curtis Fuller



Benny Golson



Sitiados



Rádio Macau

rumbas, milongas. Noutra porto, do outro lado do Atlântico, em casamentos tão vastos quanto a emigração, dera o tango, que uns dizem de Buenos Aires e suas

docas, outros de Montevideo e seus pontões.

Em África, entretanto, jamais se deixara de cantar e tocar: tambores, vozes, koras, chocalhos, bumpas, trompas, flautas. Mas a colonização trazia a África o que a música negra engendrara nas Américas e Europa, as cidades criavam outras condições de vida - e outras músicas. O rock e o jazz chegavam a África e África recriava-se na palm-wine guitar do golfo da Guiné, na highlife nigeriana, no juju music de Fela Anukulapo, na township pop dos ghettos do apartheid sul-africano, na chimurenga do Zimbabwe, nas kwelas, nas marrabentas, nas mornas e nas coladeiras de Angola, Moçambique, Cabo Verde. Procurada como fonte de inspiração por músicos ou como alternativa à comercialização pelos públicos ocidentais, a nova música de África abria ouvidos europeus e americanos a outros ritmos, outras harmonias e outras sonoridades, combatia o etnocentrismo cultural europeu e americano, foi de facto quem impôs o interesse a outras músicas, de Ásia, da Índia, do Pacífico, enfim a que hoje se chama world music.

De novo nos bairros das grandes metrópoles, reflectindo os crescentes conflitos, fazendo dos rádios portáteis insuspeitados instrumentos, chegaria o rap, o hip-hop.

Será possível falar hoje da música popular sem falar de música africana, da grande música africana?

Não é.

E ela aí está na Festa.

De Cabo Verde, da África das origens e das redescobertas - os Tubarões e os Issabary.

Dos Estados Unidos, do jazz criado do outro lado do Atlântico, o sax de Benny Golson, o trombone de Curtis Fuller, o trompete de Eddie Henderson a bateria de Greg Bandy para tocarem com quinze portugueses de um dos «casos» mais notáveis da nossa cena musical: a Big Band do Hot Clube de Portugal.

No rhythm and blues, esse antepassado sempre presente e jamais envelhecido do rock, uma banda arrasadora que se reclama do som de um filme cuja longevidade acompanha a do ritmo da sua banda sonora: os Boogie Brothers.

No rock, herdeiro em linha directa dos sons africanos lançados ao mundo, os Rádio Macau, os Sitiados. E Rui Veloso.

Diga amigo Miguel
Como está você?
Em todo o Xipamanine
Já ninguém o vê
Vou dar-lhe a minha viola
Para tocar outra vez

O seu valor um dia
Você mostrou
Todo o mainato o ouvia
E até dançou
Miguel só você sabia tocar
como já tocou

Vinha maningue gente
Para aprender
Moda lá da sua terra
Bonita a valer
O Jaime e o Etekinse
Amigos não volt' haver

Quando à noite se ouvia
Miguel tocar
Também havia a marimba
Para acompanhar
A noite
Na Ponta Geia
Amigos hei-de recordar

O barco foi andando
E a Nanga vi
Foi a saudade aumentando
Longe daí
A gente da minha terra
Não canta assim
Como eu ouvi

José Afonso

Issabary

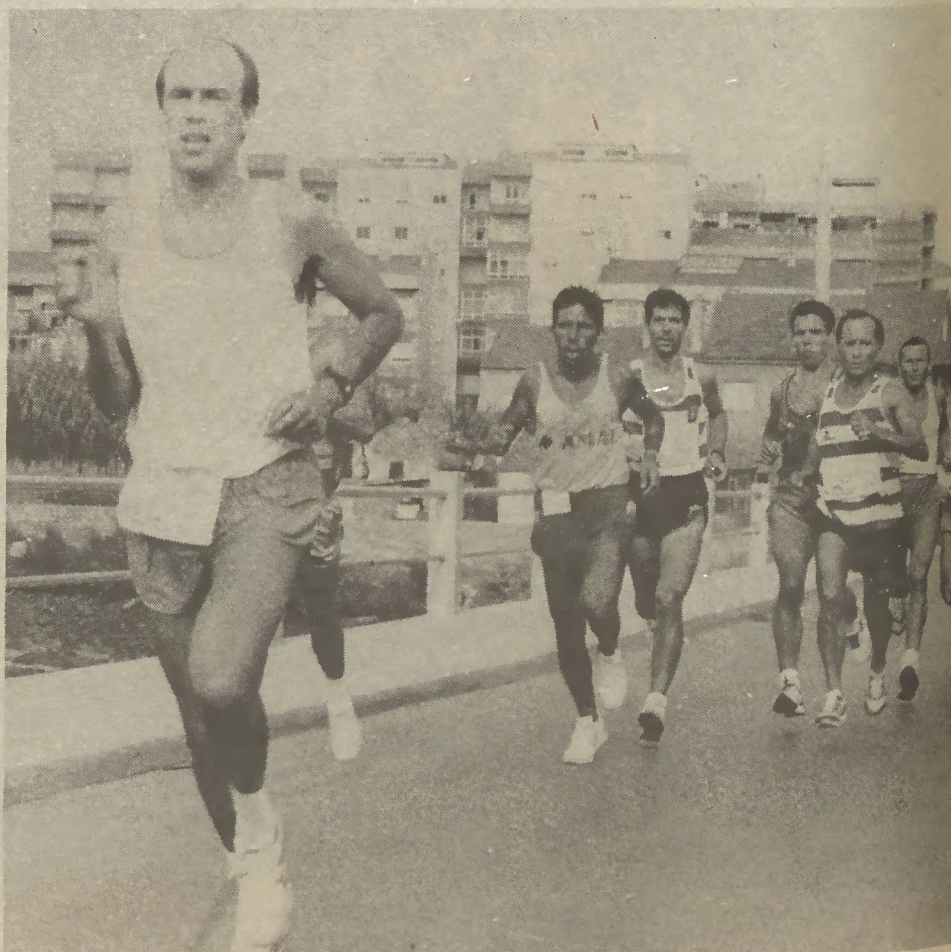


A Corrida da Festa

Já são mais de 700 as inscrições para a Corrida da Festa, e vão alinhar mais de 70 equipas. No momento em que o nosso jornal sai a público, certamente que estes números, agora revelados, estão ultrapassados pela realidade, já que as inscrições só terminam amanhã, dia 28 de Agosto. Entre os inscritos contam-se os nomes de Albertina Dias e de Rosa Oliveira. O atleta José Dias, vencedor de 3 das 5 edições da Corrida da Festa, também se encontra inscrito, assim como o maratonista Fernando Fernandes, que foi director de duas das nossas Corridas, e o veterano do SCP, Armando Aldegalega.

Na Comissão de Organização da Corrida da Festa do "Avante!" encontramos os nomes de Costa Lourenço, Carlos Marques, José Carlos, Rafael, Maia, Pinto Claro, Jorge Pio Ramos, Mário Machado, Luís Barroso, Manuel Rosa, António Borges, Lisete, Antonieta, Rogério Gonçalves, Manuel Viegas, Joana, Paula, Luís Rijo, Mário Furtado e outros colaboradores de colectividades do concelho do Seixal.

Os prémios serão entregues a partir das 12.30 horas no Polidesportivo da Festa do "Avante!".



Mais de 700 inscrições Mais de 70 equipas ... E mais apoios à Corrida

Continuam a manifestar-se os apoios à Corrida da Festa, que é já uma instituição tanto nos meios desportivos como entre todos aqueles que seguem com interesse as actividades do desporto. Aqui deixamos mais depoimentos de alguns prestigiados atletas e técnicos que participam ou acompanham esta iniciativa.



Carla Sacramento no tiro de partida

Carla Sacramento, atleta de alta competição do SCP, participou nos Jogos Olímpicos de Barcelona. Bateu dois recordes nacionais, dos 800 e dos 1500 metros, com os tempos de 2.00.57 e 4.05.54, respectivamente. Já depois dos Jogos, no Meeting de Mónaco, bateu o record nacional dos 1500 metros com o tempo de 4.00.10.

- A Corrida da Festa do «Avante!» é uma excelente oportunidade para o incentivo, para a promoção e desenvolvimento do atletismo. Nestas iniciativas aparecem sempre muitos jovens como, por exemplo, aconteceu comigo. Faço um alerta para as entidades competentes, para que dêem mais atenção às camadas jovens, no quadro da detecção de novos valores.

Estarei com muito gosto a dar o tiro de partida na V Corrida da Festa. Pela minha parte, desejo os maiores êxitos à prova da Festa do "Avante!"

José Alves Pereira - Um momento alto

O Dr. José Manuel Reis Alves Pereira é licenciado em Educação Física e Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana da UTL, mestrando em Ciências do Desporto-Gestão Desportiva. É Técnico Superior e Coordenador da Divisão de Desporto da Câmara Municipal do Seixal. Foi praticante de Atletismo (velocidade e barreiras) no S.L.B., de 1974 a 1978. Praticante de Rugby no G.D. Direito e no I.S.E.F., de 1977 a 1984.

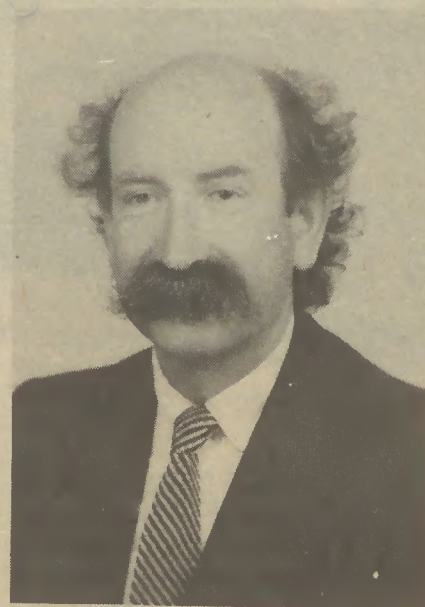
- O Desporto, na sociedade moderna, é um efectivo veículo de valores sociais e humanos, proporcionando o convívio entre os cidadãos, valorizando assim os seus, cada vez mais, tempos livres.

Deste modo, a Corrida da Festa constitui um momento alto na efectiva participação de todos numa, também, Festa do desporto popular em Portugal.

Prof. António Campos - Uma Festa marcadamente popular

O Prof. António Campos é treinador de atletismo desde os 15 anos. Criador da Maratona de Lisboa, é Presidente da AA de Lisboa no presente biênio.

- A Corrida da Festa do "Avante!" ocorre integrada num programa vasto de iniciativas desportivas e culturais. Tal prática aparece inserida num vasto conjunto de iniciativas por esse país fora. A Festa do "Avante!" é uma festa de cariz marcadamente popular, e a sua Corrida está inserida perfeitamente nos objectivos que consideramos salutares. Ocorrendo no princípio de época, ganhou um bom nível de participação, quer quantitativa, quer qualitativa. Espero que isso volte a acontecer.



Rogério Gonçalves: Uma modalidade que desenvolve e fortalece

Rogério Gonçalves foi internacional e campeão nacional de 800 metros, nos anos 60/61/62/63, pelo SCP. Recordista ibérico de 4x400, 4x800 e 4x1500 metros; recordista júnior nos 300, 400, 500, 800 e 1000 metros. Actualmente trabalha junto do Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, no plano de Desenvolvimento do Atletismo da cidade.

- O meu apoio a esta iniciativa desportiva deve-se a que ela contribui para a expansão e o desenvolvimento da modalidade com maior historial na vida desportiva portuguesa.

Foi também como praticante desta modalidade que os meus conhecimentos físicos, sociais e humanos se desenvolveram. Considerando que é uma modalidade que desenvolve e fortalece as capacidades físicas e psíquicas do ser humano, aconselho a todos os jovens a praticá-la com grande empenho.



Judo

Modalidade desportiva acessível a qualquer um, tem as suas raízes mais próximas no Japão. Sendo basicamente uma luta corpo a corpo, em que é interdito socar ou pontapear o adversário, é resultado de um trabalho de síntese e sistematização de jiu-jitsu, arte marcial e de origem chinesa.

Em Portugal, após alguns contactos esporádicos com mestres japoneses, dá-se início, em 1955, ao ensino regular do Judo, tendo a sua primeira participação nos Campeonatos do Mundo em 1961.

Portugal esteve presente desde 1964, ano da apresentação olímpica do Judo, em todos os Jogos Olímpicos, incluindo os de Barcelona 92.

De salientar que o primeiro clube a praticar o Judo foi o Judo Clube de Portugal, em 1957.

A exibição na Festa será feita por um conjunto de judocas de bom nível em equipa mista (rapazes e raparigas).



Modalidades para todos os gostos

Basquetebol... sobre rodas!

O basquetebol é sem dúvida uma modalidade de eleição.

Em Portugal, os grandes clubes concorrem para um basquetebol de grande qualidade a que não é alheia a contratação de atletas internacionais de grande nível. Mas também clubes de média e pequena dimensão já hoje têm constituídas as suas secções de basquetebol e, em alguns casos, escolas para as camadas jovens. Um trabalho que infelizmente não é tão divulgado como o torneio da NBA, mas, lá que existe, existe!

Na Festa vamos ter um jogo-exibição de basquetebol.

As equipas convidadas foram a

APD-Lisboa e APD-Leiria. Assim, vamos ter oportunidade de apreciar um encontro entre duas equipas de basquetebol em cadeira de rodas que, pela sua experiência e provas dadas, merecem, desde já, o nosso aplauso.

Andebol no feminino!

O Andebol é modalidade olímpica desde os Jogos de Munique, em 1972.

O seu desenvolvimento inicial surge na Europa Central, destacando-se, até há bem pouco tempo, a supremacia das escolas soviética e jugoslava. Surpreendentemente, desde os Jogos de Seul, o grande domínio no sector feminino pertence às asiáticas da Coreia do Sul.

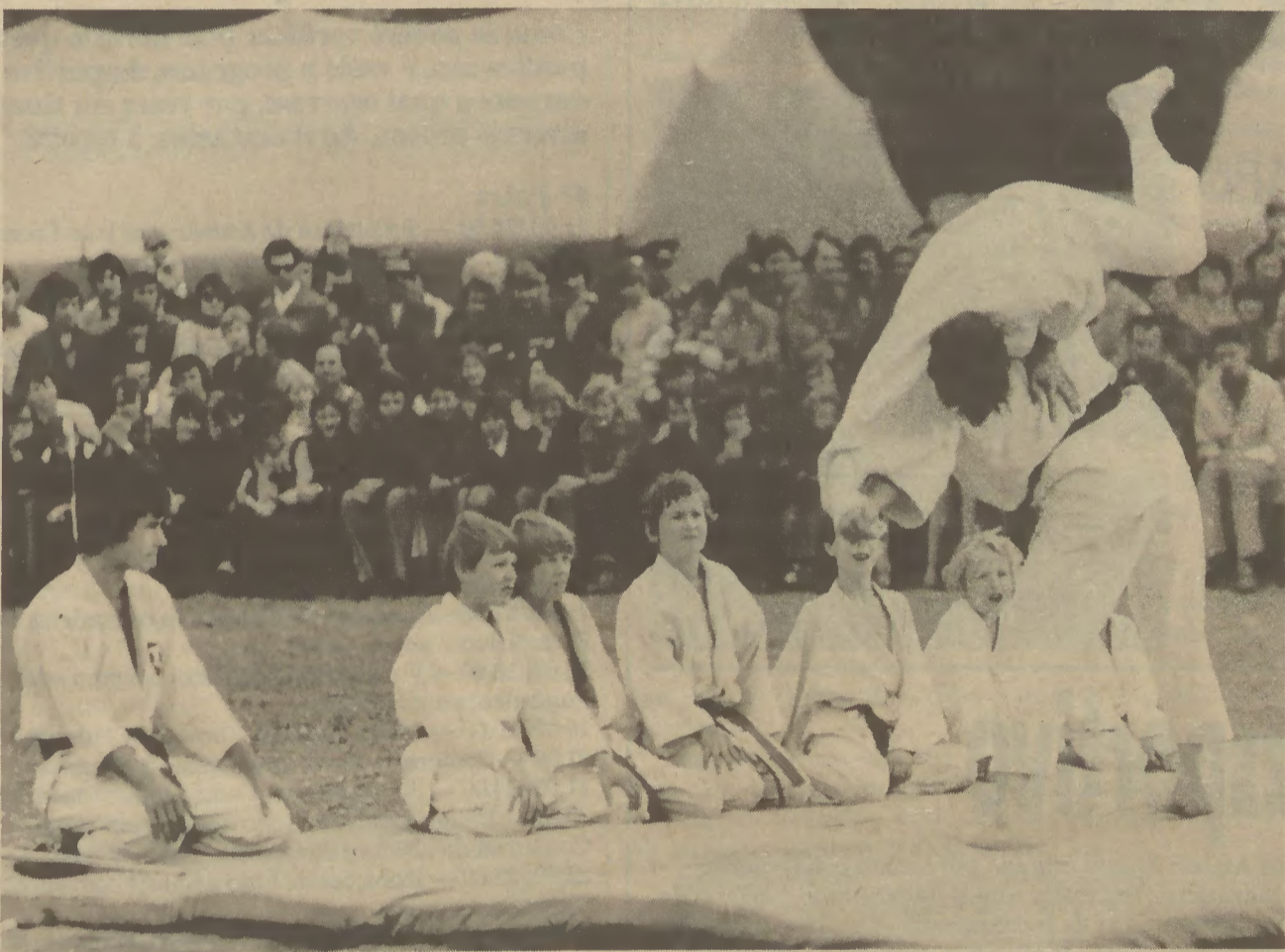
No continente africano, o andebol continua a ganhar adeptos e qualidade, principalmente pelas prestações desportivas da Argélia e Egipto.

Ainda em fase inicial em todo o continente americano, deve ser destacado o excelente nível competitivo das equipas cubanas.

Em Portugal, a primeira associação da modalidade - Associação de Andebol de Lisboa, nasce em 1931. Da prática corrente do Andebol de 11, é introduzida em 1951, a variante 7 de pavilhão.

Desde então a modalidade não tem cessado de crescer, destacando-se o maior incremento nos anos de 74 e 75. É a modalidade mais praticada (exceptuando o futebol), com cerca de 17 000 praticantes federados, distribuídos geograficamente por todos os distritos do continente e ilhas. É também a modalidade preferida das jovens, com mais de 4000 atletas federadas, sendo por isso a maior modalidade no sector feminino.

As equipas presentes na nossa Festa - SIM Porto Salvo e Seixal FC - foram, na época passada, as finalistas do Campeonato Nacional da 2ª divisão. O Porto Salvo é a equipa estreada da 1ª Divisão Nacional. O que antevê, certamente, uma excelente exibição no plano técnico.



Karaté: a unidade do corpo e da mente!

Arte marcial com origem no Kung-Fu, tem como referencial G. Funatoshi que a adequou aos novos conceitos da unidade do corpo e da mente.

Espalhado pelos «quatro cantos do mundo», embora mantendo a sua estrutura-base, é alvo de diferentes abordagens consoante o estilo, ou escola, em que se insere.

Na Festa, iremos assistir a uma demonstração que será levada a cabo por uma classe de pequenos karatecas do Atlético Clube da Arrentela.



Canoagem, ou a técnica de deslizar ao cimo da água?

A Festa do «Avante!» implantou-se pela primeira vez na Atalaia em 1990.

A canoagem foi parte do programa desportivo também pela primeira vez nesse ano.

De então para cá a prova tem subido no número de participantes e de classes em competição, para além de este ano já fazer parte do calendário da Federação Portuguesa de Canoagem.

A prova realiza-se na Baía do Seixal, frente à Festa, e tem a colaboração, aliás indispensável, da Associação Náutica do Seixal que, desde a primeira hora, juntamente com a Comissão de Desporto da Festa, tem organizado o evento.

Este ano a prova realizar-se-á no sábado, dia 5, e será por certo bem participada e colorida.

Jogo do Pau - Arte Tradicional que prevalece

Técnica de luta em que a «arma» é um pau liso, rijo e simultaneamente flexível é, nos princípios do século passado, presen-

ça obrigatória nas Feiras e Romarias.

Tendo como berço o Norte do País, há quem diga que Cabeceiras de Bastos

é a sua terra natal, sofrendo algumas adaptações populares na sua deslocação para Sul.

É com a sua chegada à capi-

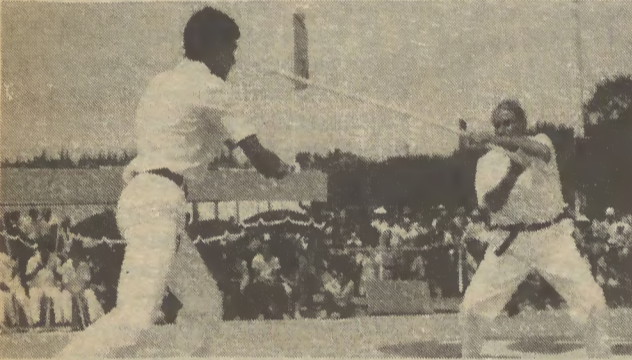
tal que tem entrada em salões e evolui numa perspectiva «desportiva». Mantendo-se ainda hoje algumas diferenças técnicas entre o Norte e o Sul, é sem dúvida uma das expressões populares que mais fiel se manteve às origens.

As exibições na Festa do «Avante!» contam com a presença das classes do Ginásio Clu-

be do Sul e do Ateneu Comercial de Lisboa.

Chamamos a atenção dos visitantes da Festa para estas exibições e em particular para os «pirilampos», que se traduz no manejo do pau adaptando-lhe um *flash* luminoso.

Diz o povo e com razão: «Enquanto o pau vai e vem...» ou ainda: «Há que andar a pau!»



O «Carlos» vai à Festa

Estamos na fase dos quartos de final. Cada equipa já passou as passas do Algarve para chegar a esta fase mas, desta vez, foram os rapazes de Beja que ganharam.

De facto, no passado sábado, os rapazes de Beja jogaram com o representante do distrito de Faro - no caso a equipa era de Olhão - e saíram vencedores por 5-4.

Contudo, o tempo regulamentar e o prolongamento não foram suficientes para desempatar o 1-1 que se manteve até final. Foi necessário recorrer às grandes penalidades, e assim a equipa de Beja marcou 4 golos, tendo a de Olhão marcado apenas 3.

Assim, a equipa apurada para ir disputar as meias-finais na Festa do «Avante!» é a equipa do café Carlos, de Beja. É caso para dizer que «o Carlos vai à Festa»!



Polidesportivo

vai ser inaugurado no primeiro dia da Festa

Pela primeira vez, na Atalaia, haverá este ano um recinto polidesportivo, que irá permitir a realização de um maior e mais diversificado conjunto de modalidades, durante a Festa, a par da já consagrada «Corrida», uma das principais e mais concorridas provas de atletismo de início de época que, como habitualmente, se realizará na manhã de domingo. O polivalente será inaugurado, na sexta-feira, pelas 21.30, horas com um desfile de atletas e dirigentes das colectividades e associações do concelho do Seixal, seguido de um Sarau de Ginástica.

Nos três dias, haverá Futebol de Salão Feminino, Judo, Karaté, Jogos Populares, Demonstrações do Jogo do Pau e Basquetebol em cadeiras de rodas. Entre as modalidades que se vão realizar neste recinto, destacamos: o encontro de Futebol de Salão entre as equipas do Estrelas da Avenida e do Correio da Manhã, na sexta-feira, a partir das 23.00 horas, e do Andebol de 7 de Feminino entre o Seixal Futebol Clube e o SIM de Porto Salvo, no sábado entre as 16 e as 17 horas. Segue-se uma exibição de Futebol Feminino com a participação das atletas do Clube Recreativo Pombalense e dos «Celtas».

Um Sarau de Ginástica, com exibição de atletas campeões nacionais da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, preencherá a sessão de encerramento do recinto polidesportivo, no domingo, a partir das 21 e 30 horas.

Junto ao recinto, uma exposição sobre as «Olimpíadas».

Além das actividades já referidas, que se realizarão no recinto, haverá torneios de Xadrez e Damas, com a participação, respectivamente, do Mestre Nacional e vice-campeão João Leonardo e do mestre Medalha da Silva, e de Tiro ao Alvo com dardo.



O programa desportivo

Como se poderá verificar pelo horário que a seguir publicamos, é vasto o programa desportivo da Festa, durante a qual ocorrem, por vezes em simultâneo, diversas provas. Aqui deixamos, à escolha:

6ª-Feira

- 21.00/24.00 — Simultânea de Xadrez com João Leonardo.
- 21.30/22.00 — Inauguração do Polidesportivo.
- 22.00/23.00 — Sarau de Ginástica com elementos do G. Trabalho das Selecções Nacionais de Trampolim e Acrobática.
- 23.00/24.00 — Futebol de Salão/Exibição com as equipas dos Estrelas da Avenida e Correio da Manhã.

Sábado

- 10.00/13.00 — Xadrez: Torneio de Semi-rápidas.
- 11.00/13.30 — Jogos Populares.
- 14.00/17.00 — Canoagem.
- 15.00/21.00 — Chinquilha.
- 15.00/20.00 — Damas: Torneio.
- 16.00/17.00 — Andebol de 7 Feminino com atletas do Seixal e S. I. M. Porto Salvo.
- 17.00/18.00 — Futebol de Salão Feminino com atletas do C. R. Pombalense e «Os Celtas».
- 18.00/20.00 — Meias Finais do Torneio de Futebol de Salão.
- 21.00 — Demonstração da arte brasileira «Capoeira».
- 21.00/24.00 — Simultânea de Damas com o Mestre Medalha da Silva.
- 22.00 — Demonstração do Jogo do Pau com atletas do Ateneu Comercial de Lisboa e do Ginásio Clube do Sul.
- 22.00/23.00 — Exibições de Judo e Karaté com atletas do Atlético Clube da Arrentela.
- 23.00/24.00 — Artes Marciais e Acrobacias com artistas da República Popular da China.

Domingo

- 9.30 — Corrida da Festa.
- 10.00/13.00 — Tiro: Finais dos Torneios de Promoção Avante/92.
- 10.00/11.00 — Jogos Populares.
- 11.00/12.00 — Basquetebol em cadeiras de rodas com atletas da A. P. D.
- 11.00/17.00 — Chinquilha.
- 12.00/13.30 — Entrega de Prémios da Corrida de Atletismo da Festa.
- 14.00/16.30 — Finais de Futebol de Salão e entrega de prémios.
- 14.00/17.00 — Torneio de Damas.
- 17.00/19.00 — Comício.
- 20.00/21.00 — Artes Marciais e Acrobacias com artistas da República Popular da China.
- 21.00/24.00 — Damas/Xadrez: Torneios Momentâneos sem classificação.
- 21.00/21.30 — Demonstração de Jogo do Pau com atletas do Ateneu Comercial de Lisboa e do Ginásio Clube do Sul.
- 21.30/22.30 — Encerramento do Polivalente com Sarau de Ginástica com atletas da SFUAP.

Pavilhão Central

Programa dos colóquios

No Forum e no Espaço da Exposição das Áreas Metropolitanas, no Pavilhão Central, vão realizar-se nos três dias colóquios em que serão abordados temas da actualidade nacional.

No Forum

Sexta-feira, 21 e 30

«Áreas Metropolitanas — problemas e perspectivas», com a participação de Jorge Cordeiro, Daniel Branco, Eufrázio Filipe, Hélder Madeira, Lusitano Correia e Ilda Figueiredo.

Sábado, 15 horas

«Maastricht: Que projecto para a Europa, que futuro para Portugal?», com Albano Nunes, Octávio Teixeira, João Amaral e Joaquim Miranda.

Sábado, 18 horas

«XIV Congresso do PCP: o Partido, os Valores, o Projecto», com Agostinho Lopes, Vítor Dias, José Casanova e Blanqui Teixeira.

Sábado, 21 horas

«As liberdades e a democracia — as ameaças do presente e a resposta dos democratas», com Luís Sá, José Soeiro, António Abreu e António Filipe.

Domingo, 15 horas

«Direito à Greve, Direitos dos Trabalhadores: A resposta dos trabalhadores à ofensiva do capital», com Domingos Abrantes, Jerónimo de Sousa, Odete Filipe e José Ernesto Cartaxo.

No Espaço da Exposição das Áreas Metropolitanas

Neste espaço, e subordinados ao tema geral «Para viver melhor na Área Metropolitana de Lisboa» irão decorrer os seguintes colóquios:

Sábado

«Transportes e acessibilidades» (16 horas), «Ordenamento territorial, Urbanismo e Habitação» (19 horas), «Ambiente e saneamento básico» (22 horas).

Domingo

«Cultura, lazer e tempos livres» (11 e 30), «Desburocratização e participação popular nas autarquias» (14 e 30).

Também no Pavilhão Central, mas no Espaço da Imprensa do Partido irão realizar-se encontros com os dirigentes do PCP ligados ao trabalho da Informação do Partido: Carlos Brito (sexta-feira, 22 horas), Blanqui Teixeira (sábado, 15 horas), Aurélio Santos (sábado, 18 horas) e Dias Lourenço (sábado, 21 horas).

Na Cidade Internacional no Espaço da Solidariedade, como habitualmente, irão realizar-se os colóquios sobre questões da actualidade internacional «A situação nos países da Europa do Leste» (sexta-feira, 21 e 30) e «A nova ordem mundial, as desigualdades no mundo e a defesa do Planeta» (sábado, 18 e 30), são os dois temas que irão ser discutidos.



Excursões

Por todo o país, à semelhança de anos anteriores, se preparam as excursões que levarão à Festa muitos milhares de amigos. Promovidas no essencial pelas organizações do Partido, abertas às inscrições de todos quantos quiserem deslocar-se à Atalaia, são já tradicionalmente viagens em que o convívio e a fraternidade animam as longas horas que por vezes são necessárias para, dos confins de Portugal, chegar à Festa.

Aqui vamos anunciando aquelas excursões que as organizações nos pedem para noticiar, sem a pretensão de dar todas as que, certamente, se vão preparando.

Do Porto

São várias as excursões que do Porto partirão para a Atalaia. São as seguintes as saídas (com passagens em outros locais):

— CT da Foz do Douro: às 8 horas do dia 4 de Setembro.

— CT da Barão de S. Cosme: à 1 hora do dia 5.

— Jardim da Arca d'Água: às 5 horas do dia 5.

Para estas excursões, as inscrições devem ser feitas nos centros de trabalho do PCP da Boavista e da Barão de S. Cosme, ou através dos telefones 69 56 51 e 57 30 30.

Outras excursões serão organizadas no distrito do Porto, cujas inscrições poderão ser feitas nos centros de trabalho ou através dos respectivos telefones que indicamos a seguir:

| | | |
|-------------|------|--------------------------|
| Matosinhos | Tel. | 937 57 73 |
| Gondomar | » | 989 34 20 |
| V. N. Gaia | » | 39 43 45/ /39 40 68 |
| Maia | » | 948 79 75 |
| Valongo | » | 911 39 51/ /971 58 85 |
| Santo Tirso | » | 5 21 78 |

| | | |
|---------------|---|----------|
| Vila do Conde | » | 63 20 90 |
| Póvoa Varzim | » | 62 18 00 |
| Lousada | » | 91 28 05 |
| Paredes | » | 77 75 03 |

Vila Franca

Partidas do Largo da Estação, com passagem pelas restantes freguesias:

No dia 4, às 18 horas.

Nos dias 5 e 6, às 8 horas.

Inscrições nos centros de trabalho.

Leiria

Excursões à Festa organizadas pela JCP do distrito:

Sexta, Sábado e Domingo — 1500 escudos.

Partida às 15 horas, da Marinha Grande, e, às 15.30 horas, de Leiria.

Regresso no Domingo, às 24 horas.

Sábado e Domingo — 1950 escudos

Partida às 14 horas de Sábado

Regresso às 24 horas de Domingo.

As inscrições podem ser feitas até ao dia anterior (Sexta ou Sábado, respectivamente).

Café da Amizade

O Café da Amizade, inserido no espaço do Pavilhão Central, tem sido o ponto de encontro e de descanso a que os visitantes se foram habituando ao longo dos anos.

À semelhança da Festa, o Café da Amizade tem vindo a evoluir e a procurar criar cada vez melhores condições a quem o frequenta.

Espaço privilegiado para o encontro de camaradas e amigos à volta de uma mesa na esplanada, bebendo o seu copo, o Café tem sido desde sempre um ponto de referência de profissionalismo, de qualidade e de diferença.

Este ano, mais uma vez, os seus famosos *cocktails* serão confeccionados, por «barmen» profissionais. A inovação vai estar presente na diversidade dos *cocktails* servidos e pela primeira vez, neste espaço, vai existir também um serviço de gelataria.

Associado a uma implantação e decoração funcional e acolhedora, o apuro no serviço prestado será, como sempre, uma característica deste velho espaço de convívio, todos os anos diferente e cada vez melhor.

Autores portugueses com os leitores

Como já é de tradição, mais uma vez este ano autores portugueses vão estar presentes e autografar obras suas no Centro do Livro e do Disco. Espaço de convívio dos leitores com os seus autores preferidos e onde se pode encontrar, a melhor preço, aquelas obras que se planeou adquirir na Festa, o Centro do Livro e do Disco proporciona encontros com, entre outros, os escritores José Saramago, que vai lá estar a partir

das 15 horas de sábado. No mesmo dia, às 16 horas, é a vez de os mais jovens de poderem encontrar com uma das autoras da Coleção «Uma Aventura», Ana Maria Magalhães. Depois, às 18 horas, estará presente Manuel da Fonseca. Este escritor estará presente também na abertura da Festa, sexta-feira, e no domingo. Ainda no sábado, às 18 e 30, o camarada Luís Sá autografará os seus livros.



Quem tivesse ido à Atalaia, no passado fim-de-semana, juntar a sua contribuição de trabalho voluntário à das muitas centenas de camaradas que ali se ocuparam de inúmeras e variadíssimas tarefas, poderia ficar com a ideia de que já falta pouco. Com efeito, agora o terreno já não é apenas um traçado de avenidas, praças, ruas e caminhos, já não é um "plano" a ocupar com os "lugares" tradicionais e novos onde a Festa vai desenrolar-se. É muito mais. Já nem é uma floresta de tubos erguidos e articulados, a dar estrutura e esqueleto aos pavilhões. Em grande parte se levantaram já as paredes, e a madeira crua cobria-se com as primeiras pinturas. A Festa tomava forma, e a multidão de gente atarefada povoava-a de trabalho. Canalizações recebiam retoques e a água corria, fresca, nos stands que virão a ser bares e restaurantes. Cabos e fios eram ligados e prometiam luz e energia para breve. O novo polidesportivo branquejava, à direita do Palco Central, e ali eram construídas bancadas para que, dentro em breve, possamos assistir ao vasto programa desportivo que ali se vai exibir. Alguns pavilhões mostram-se no exterior já com a sua "imagem final", outros dão já a ideia de como vão ficar. Começavam a



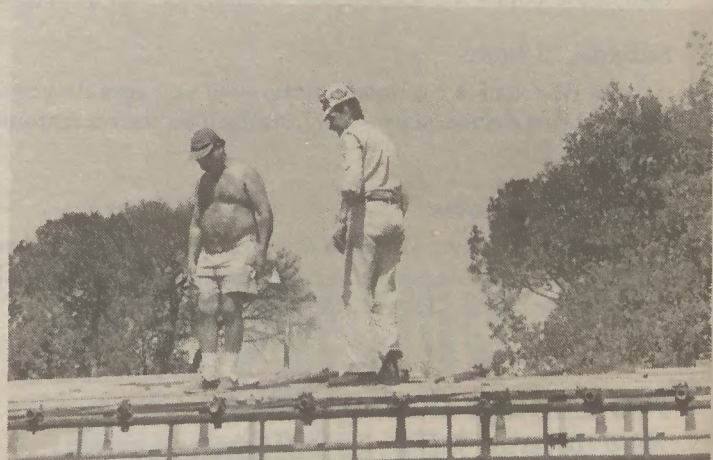
O trabalho que falta

1300 pessoas estiveram no terreno da Festa no passado fim-de-semana

cobrir-se outros ainda com os respectivo "telhados". Muito trabalho especializado já ali foi empenhado, no terreno de novo preparando-se para a Festa. Muito trabalho "indiferenciado", de camaradas cuja profissão é outra que não aquela de pintar, pregar, aparafusar, carregar. As jornadas do passado fim-de-semana, que trouxeram ao terreno, como os responsáveis nos revelaram, muitas centenas de camaradas e de amigos, foram maiores, em número de participantes, se as compararmos com as do ano passado, o que permitiu um bom avanço na construção. E mostraram que o espírito empenhado nela se elevou, se aproveitaram melhor as horas de trabalho, se perdeu menos tempo nas pausas, se usou o tempo de melhor maneira nas tarefas desempenhadas. É que, apesar do bom andamento, ainda temos pressa, os atrasos arrastam outros atrasos, o tempo não estica, a Festa está quase aí.

Muito trabalho falta ainda. Especializado - pedreiros, serralheiros, carpinteiros, electricistas nunca são de mais. E do outro, que também vimos em ajuda preciosa, que envolveu num mesmo esforço jovens e reformados, domésticas e estudantes, juntando o trabalho ao convívio que estes derradeiros dias antes da Festa proporcionam. O próximo fim-de-semana vai ser o do arranque final antes dos últimos retoques.

Na Atalaia espera-se que as jornadas de sábado e de domingo próximos sejam ainda maiores e mais profficuas. Os próximos dias são decisivos, e não são raros os camaradas que dão à Festa algum tempo das suas férias. Todos podem dar uma ajuda. A Festa merece!



Em que ano foi?



Construir a Festa!

Rebuscámos no nosso arquivo fotográfico e descobrimos esta imagem. Mudariam as roupas, mudariam seguramente as caras, mas esta fotografia poderia ter sido feita no último fim de semana na Atalaia. A vontade é a mesma. Mas resolvemos fazer um pequeno concurso: temos 10 serigrafias da Festa do «Avante!», numeradas e assinadas, para oferecer aos primeiros dez leitores que nos escrevam a dizer em que ano foi tirada esta fotografia!

As respostas devem ser enviadas para

Redacção do «Avante!»
Rua Soeiro Pereira Gomes, 1
1699 LISBOA CODEX

E só faltam duas semanas para a Festa!

Foram 36 as respostas recebidas ao «concurso» que abrimos na passada semana sobre a fotografia de construção da Festa — mas apenas 8 certas!

Dezasseis dos nossos leitores disseram que a foto fora tirada no Alto da Ajuda. Errado!

Três escreveram-nos falando na Quinta do Infantado, em Loures. Errado também!

Dezassete localizaram a foto no Jamor - o que está certo. Mas destes 17, apenas 8 indicaram a data certa: 1977, o ano da primeira Festa no Vale do Jamor, e não 1978, em que, pela segunda e última vez, também lá a erguemos. Entre os concorrentes premiados, um teve mesmo facilidade em responder: vão lá 15 anos, ele estava no grupo fotografado, de enxada na mão! E, diga-se em abono da verdade, há quinze anos que contamos com ele nas Festas!

Mas temos então que podem levantar a respectiva serigrafia na Redacção do «Avante!» os seguintes leitores:

Maria Clara Franco Sousa
João Viana
Francisco Teles Passinha
José Manuel Carvalho Antunes

Fernanda Maria Teixeira
José António Dias
Dionísio de Oliveira
Jorge Campaniço